



Habitar a Residência Artística
Reabilitação da Antiga Residência Feminina de Estudantes em Viana do
Castelo

Miguel Ângelo Gonçalves Pinheiro

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitetura
(ciclo de estudos integrados)

Orientador: Prof. Doutor Jorge Humberto Canastra Marum

julho de 2021

Folha em branco

Dedicatória

À minha avó.

Folha em branco

Agradecimentos

Sendo eu uma pessoa de poucas palavras, cabe-me ainda assim deixar um agradecimento:

Ao Professor Doutor Jorge Humberto Canastra Marum, pela lucidez e assertividade no acompanhamento desta dissertação, para além do entusiasmo provocado na forma de ver a arquitetura;

Ao restante corpo docente pelo conhecimento adquirido durante o percurso académico;

À Universidade da Beira Interior;

À Câmara Municipal de Viana do Castelo;

À minha família e amigos, que de uma forma ou de outra me acompanharam;

Ao Sérgio;

E acima de tudo à Rafaela, pela proximidade incondicional.

Folha em branco

Resumo

A presente dissertação aborda os temas da habitação temporária e dos espaços de produção artística, incidindo particularmente sobre o problema da relação tempo-espaço num contexto simultaneamente de habitação e de produção artística.

Partindo desta problemática, esta dissertação desenvolve um problema de projeto utilizando o contexto da reabilitação de um edifício no centro histórico de Viana do Castelo, como um meio para a desenvolver e investigar, através do projeto de arquitetura, criando mais-valia para um património edificado real.

Neste processo, tem-se como base uma preexistência, da qual se tira proveito das suas potencialidades em função das necessidades do novo programa, numa constante adaptação entre ambos. Para isso, é interpretada a residência artística do ponto de vista funcional e da conceção dos espaços, assim como, é descrito e analisado o contexto da preexistência, com a finalidade de elaborar uma proposta baseada na temática inerente a este trabalho.

Assim, este projeto procura conciliar o tema da habitação e os espaços de produção artística, num ambiente versátil, e de continuidade entre as várias partes que o compõem, criando um elo de ligação com a preexistência e as suas condicionantes. Nesta ligação é atribuída uma nova função ao edifício, diferente das anteriores, na ambição de valorizar o património edificado através de um programa de índole cultural, no Centro Histórico de Viana do Castelo.

Palavras-chave

Habitação temporária; Residência Artística; Tempo e Espaço; Arquitetura e Reabilitação.

Folha em branco

Abstract

This dissertation addresses the themes of temporary housing and spaces of artistic production, focusing particularly on the problem of the time-space relationship in a context of both housing and artistic production. Starting from this problematic, this dissertation develops a project problem using the context of the rehabilitation of a building in the historical center of Viana do Castelo, to develop and investigate it, through the architectural project, creating added value for a real built heritage.

In this process, a pre-existence is taken as a base, from which its potentialities are taken advantage according to the needs of the new program, in a constant adaptation between both. For this, the artistic residence is interpreted from the functional point of view and the conception of the spaces, as well as the context of the pre-existence is described and analysed, with the purpose of elaborating a proposal based on the theme of this work.

Thus, this project seeks to reconcile the theme of housing and the spaces of artistic production, in a versatile environment, and of continuity between the various parts that compose it, creating a connection with the pre-existence and its constraints. In this connection a new function is attributed to the building, different from the previous ones, in the ambition to value the built heritage through a cultural program, in the Historical Center of Viana do Castelo.

Keywords

Temporary Housing; Artistic Residence; Time and Space; Architecture and Rehabilitation.

Folha em branco

Índice

Introdução	1
Justificação da temática	1
Objetivos.....	2
Metodologia.....	3
1. Temática	4
1.1. Sobre a residência artística.....	6
1.2. Sobre o tempo e o espaço	7
1.3. Sobre a reabilitação	9
2. O contexto da preexistência	11
2.1. Sobre o lugar.....	11
2.2. Sobre o edifício	16
3. Proposta.....	36
3.1. Ações sobre a preexistência.....	36
3.2. Sobre o conceito	39
4.3. Sobre o programa	43
4.4. Sobre a construção	54
4. Considerações finais.....	65
Bibliografia	67
Apêndice	69
Peças desenhadas	69

Folha em branco

Lista de Figuras

Figura 1 – Notícia do “Olhar Viana do Castelo” sobre a intenção da Câmara Municipal de recuperar a antiga residência feminina de estudantes, editado pelo autor.....	4
Fonte: https://www.olharvianadocastelo.pt/2019/01/camara-de-viana-vai-recuperar-edificios.html ; obtido em março de 2019.	
Figura 2 – Notícia sobre residências artísticas no Minho em 2020.....	5
Fonte: https://ominho.pt/um-ano-de-residencias-artisticas-para-promover-o-minho-e-apoiar-criadores/ ; obtido em agosto de 2020.	
Figura 3 – Localização geográfica do conselho de Viana do Castelo inserido no contexto distrital e nacional.	11
Fonte: autoria própria.	
Figura 4 – Vista de Viana do Castelo desde a margem oposta do rio Lima.	11
Fonte: https://t-cf.bstatic.com/images/hotel/max1024x768/131/131364557.jpg ; obtido em outubro de 2020.	
Figura 5 – Vista aérea de Viana do Castelo.	11
Fonte: https://www.altominho.com.pt/2020/11/03/video-lojas-que- ficam-na-memoria-e-no-coracao-de-viana-do-castelo/ ; obtido em outubro de 2020.	
Figura 6 – Viana do Castelo em 1860 segundo Thomaz Correia, editada pelo autor (Fernandes, 1992, p. 78).	13
Figura 7 – Planta do CHVC com a morfologia do edificado, editada pelo autor.....	14
Fonte: http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/pedidos-em-formato-digital ; obtido em março de 2019.	
Figura 8 – Imagem com o Centro Histórico na atualidade, editada pelo autor.....	15
Fonte: Google earth.	
Figura 9 – Imagem com a implantação do Caso de estudo, editada pelo autor.....	15
Fonte: Google earth.	
Figura 10 – Perfil da topografia de Viana do Castelo.	15
Fonte: autoria própria.	
Figura 11 – Caso de estudo visto desde a Av. do Conde da Carreira.	16
Fonte: autoria própria.	
Figura 12 – Levantamentos esquemático cedido pela CMVC.	17
Figura 13 – Placa de identificação do caso de estudo.....	17
Fonte: autoria própria.	
Figura 14 – Desenho do levantamento arquitetónico.	18
Fonte: autoria própria.	

Figura 15 – Fotografias do interior do edifício com os arquivos.	18
Fonte: autoria própria.	
Figura 16 – Sequência das peças desenhadas resultantes do levantamento arquitetônico.	19
Fonte: autoria própria.	
Figura 17 – Imagem com o caso de estudo e a envolvente, editada pelo autor.	20
Fonte: Google earth.	
Figura 18 – Fotografias com acessos ao edifício.	21
Fonte: autoria própria.	
Figura 19 – Fotografias do logradouro constituído por 2 níveis, à direita com o anexo no patamar superior.	21
Fonte: autoria própria.	
Figura 20 – Desenho esquemático da implantação do edifício.	22
Fonte: autoria própria.	
Figura 21 – Sinalética de algumas repartições relativas à última utilização do edifício.	23
Fonte: autoria própria.	
Figura 22 – Casa de banho do piso 1.	23
Fonte: autoria própria.	
Figura 23 – Casas de banho do piso 2 iluminadas por claraboia e janela da trapeira. ...	23
Fonte: autoria própria.	
Figura 24 – Caixa de escadas junto à entrada.	24
Fonte: autoria própria.	
Figura 25 – Caixa de escadas do lado Norte.	24
Fonte: autoria própria.	
Figura 26 – Degraus do desnível no piso 0, junto à entrada.	25
Fonte: autoria própria.	
Figura 27 – Desnível no piso 0, levantamento.	25
Fonte: autoria própria.	
Figura 28 – Namoradeira, piso 1.	25
Fonte: autoria própria.	
Figura 29 – Constituição da janela com namoradeira, levantamento.	25
Fonte: autoria própria.	
Figura 30 – Claraboia piso 1.	26
Fonte: autoria própria.	

Figura 31 – Fotografia com parte das coberturas do caso de estudo, sem data, editada pelo autor.....	27
Fonte: https://www.olharvianadocastelo.pt/2020/11/panoramicas-de-viana-do-castelo-antiga.html ; obtido em janeiro de 2020.	
Figura 32 – Fotografia com parte dos alçados do caso de estudo, sem data, editada pelo autor.....	27
Fonte: https://olharvianadocastelo.blogspot.com/2010/04/viana-no-passado-e-no-presente.html ; obtido em janeiro de 2020.	
Figura 33 – Aberturas nas paredes estruturais do piso 1.	28
Fonte: autoria própria.	
Figura 34 – Secção construtiva da fachada Sul com fotografias ilustrativas.	30
Fonte: autoria própria.	
Figura 35 – Sequencia de fotografias dos vários tipos de pavimento que compõem o edifício.....	31
Fonte: autoria própria.	
Figura 36 – Sequência de fotografias e desenhos de levantamento, representativos das alterações nos pisos.	32
Fonte: autoria própria.	
Figura 37 – Fotografias das patologias relacionadas com a humidade.....	33
Fonte: autoria própria.	
Figura 38 – Rotura da estrutura de piso, em cima vista desde o piso 1, em baixo vista desde o piso térreo.	34
Fonte: autoria própria.	
Figura 39 – Corte esquemático do Colégio da Trindade, Aires Mateus.	37
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/876540/reabilitacao-do-colegio-da-trindade-aires-mateus/59787a92b22e389232000119-trinity-college-renovation-aires-mateus-site?next_project=no ; obtido em novembro de 2020.	
Figura 40 – Casa de Azeitão, Aires Mateus.	37
Fonte: https://divisare.com/projects/324668-manuel-aires-mateus-daniel-malhao-house-in-azeitao ; obtido em novembro de 2020.	
Figura 41 – Fotografia e desenho do interior da cela transformada em quarto com casa de banho, pousada de Santa Maria do Bouro, Souto Moura.....	38
Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira ; obtido em novembro de 2020	
Figura 42 – Casa e Quinta da Prelada, António Barbosa.	38
Fonte: https://2017.openhouseporto.com/places/quinta-da-prelada/ ; obtido em março de 2021	

Figura 43 – Casa Sommer, Paula Santos.....	38
Fonte: https://www.paulasantosarq.com/pt/reabilitac%CC%A7a%CC%83o-da-casa-sommer-centro-de-historia-local-arquivo-municipal-de-cascais/ ; obtido em março de 2021.	
Figura 44 – Casa das Marinhas, Viana de Lima.....	38
Fonte: https://www.municipio.esposende.pt/pages/1224?news_id=4215 ; obtido em junho de 2021.	
Figura 45 – Casa Amarela Valério Olgati, vista geral.....	39
Fonte: https://www.archiweb.cz/en/b/das-gelbe-haus-zluty-dum ; obtido em abril de 2019	
Figura 46 – Casa Amarela Valério Olgati, planta.....	39
Fonte: https://www.archiweb.cz/en/b/das-gelbe-haus-zluty-dum ; obtido em abril de 2019	
Figura 47 – Piscina de marés, Siza Vieira.....	40
Fonte: https://www.leca-palmeira.com/simbolos-de-leca-da-palmeira-piscina-das-mares/ ; obtido em março de 2020.	
Figura 48 – Esquema sobre a intenção da proposta.....	41
Fonte: autoria própria.	
Figura 49 – Desenhos representativos da volumetria, e dos limites do caso de estudo.....	42
Fonte: autoria própria.	
Figura 50 – Maquete da proposta.....	43
Fonte: autoria própria.	
Figura 51 – Esquema sobre a distribuição funcional da proposta.....	43
Fonte: autoria própria.	
Figura 52 – Plataforma de acesso ao edifício, lado Sul.....	44
Fonte: autoria própria.	
Figura 53 – Plataforma de acesso ao edifício, axonometria.....	44
Fonte: autoria própria.	
Figura 54 – Desenho e corte representativos da proposta para a entrada no edifício... ..	45
Fonte: autoria própria.	
Figura 55 – Vista sobre o edificado do Centro Histórico.....	45
Fonte: autoria própria.	
Figura 56 – Entrada na caixa de escadas.....	46
Fonte: autoria própria.	
Figura 57 – Percurso de acesso à caixa de escadas.....	46
Fonte: autoria própria.	

Figura 58 – Desenhos do desenvolvimento da caixa de escadas.....	46
Fonte: autoria própria.	
Figura 59 – Lado Sul da caixa de escadas, maquete.....	47
Fonte: autoria própria.	
Figura 60 – Relação da caixa de escadas com a preexistência, maquete.	47
Fonte: autoria própria.	
Figura 61 – Terraço da caixa de escadas, maquete.....	48
Fonte: autoria própria.	
Figura 62 – Lado poente da caixa de escadas, maquete.....	48
Fonte: autoria própria.	
Figura 63 – Lado Norte da caixa de escadas, maquete.	49
Fonte: autoria própria.	
Figura 64 – Interior da caixa de escadas, visto pelo lado nascente, maquete.....	49
Fonte: autoria própria.	
Figura 65 – Maquete, cobertura.	50
Fonte: autoria própria.	
Figura 66 – Maquete, piso térreo.	51
Fonte: autoria própria.	
Figura 67 – Maquete, primeiro piso.	52
Fonte: autoria própria.	
Figura 68 – Maquete, segundo piso.	53
Fonte: autoria própria.	
Figura 69 – Axonometria representativa dos elementos adicionados à preexistência. .	54
Fonte: autoria própria.	
Figura 70 – Continuação da axonometria representativa dos elementos adicionados à preexistência.	55
Fonte: autoria própria.	
Figura 71 – Exemplo de remate de beirado assente em perfil metálico.	57
Fonte: autoria própria.	
Figura 72 – Representação da constituição do teto falso do último piso, com encaixe das placas de contraplacado na estrutura.	58
Fonte: autoria própria.	
Figura 73 – Secção de planta com remate em vão de janela.	59
Fonte: autoria própria.	
Figura 74 – Desenhos de elementos que compõem as instalações sanitárias.....	60
Fonte: autoria própria.	

Figura 75 – Esquema representativo da distribuição do ar condicionado.....	60
Fonte: autoria própria.	
Figura 76 – Fotomontagem do alçado poente, proposta.....	61
Fonte: autoria própria.	
Figura 77 – Desenho do remate entre os pavimentos e as paredes.....	62
Fonte: autoria própria.	
Figura 78 – Estereotomia da caixa de escadas.	63
Fonte: autoria própria.	
Figura 79 - Desenhos representativos da estereotomia dos pavimentos.	64
Fonte: autoria própria.	

Folha em branco

Lista de Acrónimos

CH	Centro Histórico
CMVC	Câmara Municipal de Viana do Castelo
PPCHVC	Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo

Folha em branco

Introdução

Justificação da temática

A presente dissertação nasce da vontade de trabalhar o tema da habitação temporária associando-o a um trabalho prático de reabilitação. O edifício em causa, localizado numa cidade que me é familiar reuniu as condições necessárias para a realização de um trabalho prático de projeto de arquitetura, procurando converter a preexistência, num novo programa que responda ao tema da habitação temporária articulada com espaços de produção artística.

A intenção da Câmara Municipal de Viana do Castelo de reabilitar um edifício devoluto e colocá-lo ao serviço da comunidade através de uma residência universitária para alunos do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, veio despertar o interesse pelo edifício em causa. Este, situado no centro histórico da cidade, pertencente ao estado, outrora usado como residência feminina de estudantes e por último como delegação escolar da cidade, encontra-se em avançado estado de degradação, pelo que, se torna oportuna a sua reabilitação.

Os eventos de residência artística aos quais a cidade de Viana do Castelo e o Instituto Politécnico desta cidade se costumam associar, em consonância com a necessidade de *ateliers* de modo a incentivar a produção artística, acabaram por despertar curiosidade e interesse em explorar o tema da residência artística, do qual surge a temática principal desta dissertação, que se foca na articulação entre a habitação e o espaço de produção artística.

Deste modo, com a sua reabilitação, ambiciona-se dar uma nova vida ao edifício com localização privilegiada, que possui uma escala residencial, e que já recebeu funções distintas no passado, através de um programa que funcione em prol da comunidade.

Objetivos

A antiga residência feminina de estudantes, inserida na malha do centro histórico de Viana do Castelo, que apresenta uma constante e natural degradação, derivado da sua desocupação e falta de manutenção, torna-se numa oportunidade de valorização da identidade e cultura de Viana do Castelo, pela sua reabilitação.

Assim, pretende-se nesta dissertação elaborar um trabalho de projeto que visa a reabilitação do caso de estudo, através do aproveitamento da sua matéria como conservação da identidade de lugar e como meio dinamizador contra o abandono do centro histórico. Para tal, este trabalho assenta na elaboração de uma proposta que procura colocar o edifício novamente ao serviço da população.

Para a elaboração deste trabalho pretende-se reconhecer o preexistente através da sua morfologia, materialidade e estado de conservação, tendo como finalidade uma proposta de reabilitação, que procura intervir no edifício através de uma arquitetura que dialogue com o preexistente atribuindo a este, condições de habitabilidade e espaços de exposição e produção artística.

Deste modo, esta dissertação pretende debruçar-se sobre a residência artística como forma de habitar um espaço temporariamente, convertendo um edifício devoluto em avançado estado de degradação numa residência artística que se articule entre a habitação e os espaços de produção artística. Assim pretende-se relacionar a obra com o centro histórico de Viana do Castelo promovendo a atividade artística na cidade.

Metodologia

A metodologia aplicada no desenvolvimento da presente dissertação é dividida em duas fases, sendo na primeira, a investigação e interpretação do objeto de estudo, e por fim, a elaboração de uma proposta arquitetônica.

O trabalho inicia-se pelo levantamento e análise de informação, com visitas ao local que permitem uma relação permanente e direta com a área de intervenção. Contacta-se a Câmara Municipal a fim de obter informações relevantes e consultam-se fontes bibliográficas acerca da temática.

Nas visitas ao local é efetuado o levantamento arquitetônico, identificação da tipologia e estado de conservação associados ao edifício com o auxílio de esquiços, desenhos técnicos e fotografias. Elabora-se uma breve descrição do lugar, e descrevem-se as características inerentes ao objeto de estudo baseadas na análise da sua morfologia, materialidade e estado de conservação.

No segundo momento é elaborado um trabalho de projeto que visa interligar a temática da residência artística com a preexistência. Deste modo, desenvolve-se uma experimentação de projeto através do esquiço, desenho técnico e maquete, e utilizam-se casos semelhantes como base para o desenho de soluções ao trabalho.

Após a recolha de todos os dados e da definição do programa, será elaborada uma proposta de projeto de arquitetura como resposta à problemática desta dissertação.

1. Temática



Figura 1 - Notícia do “Olhar Viana do Castelo” sobre a intenção da Câmara Municipal de recuperar a antiga residência feminina de estudantes, editado pelo autor.

O autarca classificou como "prioritária" a intervenção num edifício que chegou a ser uma antiga residência feminina de estudantes e delegação escolar de Viana do Castelo. (Lusa, 2019).

As notícias que davam conta da intenção por parte da Câmara Municipal de Viana do Castelo em reabilitar a antiga residência feminina de estudantes, em pleno centro histórico da cidade, despertaram o interesse em trabalhar neste edifício, tornando-se uma oportunidade para conciliar o tema de residência artística através de uma proposta de reabilitação. A falta de vida e a constante degradação no edifício que se encontra estagnado, em contraste com a sua envolvente bastante agitada, realçou várias inquietações. Primeiramente, a importância da reabilitação do centro histórico como forma de preservar a sua identidade e os seus valores, assim como a necessidade de conjugar a intervenção com a preexistência construindo um elo de ligação entre o passado, presente e o futuro tendo em conta a circunstância do lugar.

Do ponto de vista arquitectónico a questão não é mais simples, duas escolas de pensamento seguem em paralelo; uma, mais revivalista, procura repetir o desenho, cores e estruturas do passado em nome do respeito e coerência formal; a outra, tenta reinterpretar as soluções do passado, mas tenta-se desprender das limitações construtivas, propõe novos revestimentos e caixilharias mais coerentes com os métodos construtivos atuais do que com o contexto formal das que substituiu (Franco, 2016).

A segunda inquietação passa pela transformação do edifício num novo programa que comunique com o contexto onde se insere e que responda ao tema da residência artística. O programa inerente a uma residência artística, tem a particularidade de ser um programa de índole cultural que permite relacionar o edifício com a cidade, e que parte das necessidades da cidade de Viana do Castelo, fundamentada no projeto de Operação de Reabilitação Urbana da Área de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Viana do Castelo (CHVC), aprovado pela CMVC onde assume “a necessidade de *ateliers* que incentivem sobretudo os jovens, à produção artística, nas suas diferentes formas” (Castelo, 2016). Na mesma linha de pensamento, em 2016, o Fórum Vianense realizou uma tertúlia ligada ao tema “Regeneração e Requalificação Urbana” no âmbito do Programa Estratégico de Reabilitação Urbana do Centro Histórico da qual se destacam para este trabalho: “o regresso de equipamentos públicos ao centro da cidade, ao nível da infância, ocupação de tempos livres e 3ª idade; celeridade na ocupação de edifícios públicos que se encontram desocupados há vários anos; diversificar os espaços de animação cultural no Centro Histórico” (Franco, 2016).

Tanto a cidade como o Instituto Politécnico de Viana do Castelo, têm vários eventos de residência artística e, devido à carência de edifícios para tal função na cidade, consolidou a escolha do tema da habitação em comunhão com espaços de produção artística, e que pela sua localização privilegiada, se torna um programa coerente ao edifício e à cidade.



Os 24 municípios do Minho vão ser palco, ao longo de um ano, de uma série de residências artísticas, acolhendo dezenas de artistas nacionais e estrangeiros, que vão habitar o território e recriá-lo, foi hoje anunciado.

Figura 2 - Notícia sobre residências artísticas no Minho em 2020.

1.1. Sobre a residência artística

Consoante a recolha de informação inerente ao tema desta dissertação, surgiu a necessidade de compreender a residência artística pelos conceitos que a definem, que por sua vez associa o tema do habitar à produção de arte. Assim sendo, importa compreender o “espaço” como elemento comum às duas funções que constituem a residência artística.

Estudar a residência artística constitui-se em algo que deve levar em conta a especificidade desta, o que significa buscar referências e metodologias próprias, uma vez que se trata de uma distinta tipologia de espaço de atuação do artista (Morais, 2009, p. 1).

A “residência artística” junta dois conceitos na mesma expressão, o que leva a uma série de significados, sendo muitos deles associados ao quotidiano, ainda que utilizados de forma diferente. Deste modo para residência tem-se o significado de: “morada habitual onde se reside; casa ou lugar onde se reside ou habita”. E para a palavra “artística ou artístico tem-se que ela pode ser: relativo às artes, especialmente às belas artes; que tem arte; de labor primoroso e original.” Ainda referente ao ato de residir, é também atribuída a definição de “ser, estar, achar-se; consistir”, neste sentido, o “residir” não se limita à “relação com o espaço físico a que se atribui o sentido de moradia, de lar e de residência, para constituir-se em um estado, para abrir-se e “achar-se”, em uma condição e em “consistir” em algo, portanto, deve-se pensar em um sentido mais amplo, o de possibilidade” (Morais, 2009, p. 8).

Assim sendo, uma vez que residência é associada a vários caminhos e tem em si refletido um conceito abrangente, pretende-se entender o que difere a residência artística da ideia geral de habitação “que pressupõe a ideia de espaço estável e congregação familiar” ou a casa como um espaço “privado, de comportamento pessoal e íntimo; ambiente para uma unidade social e compacta – a família; lugar no qual se aflora o senso de domesticidade e conforto”. Ainda sobre a leitura da casa como residência, é possível ver que as coisas mudaram com o passar do tempo, tanto a noção de conforto, como as perspetivas para habitar a casa se desenvolveram acompanhando as transformações comportamentais derivadas de “mudanças culturais, sociais, econômicas, até mesmo ambientais”, ainda que “a básica relação de intimidade com o espaço privado se mantenha, como conceito fundamental definidor desse ambiente” (Morais, 2009, p. 9).

Ao abordar a casa de forma multidisciplinar acerca da “sua conformação arquitetônica, de sua inserção urbana e territorial, de sua caracterização funcional ou de uso”, e ao compreender a residência artística através do mesmo ponto de vista, permite que esta se caracterize “como um ambiente – aqui entendido como um conjunto de condições e circunstâncias que abarcam a relação do homem com o espaço e o tempo – de moradia, mas ao mesmo tempo de inserção de outras relações, conviviais, profissionais, educacionais, afetivas e sociais.” E ao pensar a residência artística como um espaço que se destina à criação, permite que o seu ambiente seja caracterizado “por uma condição específica de atuação: espaço e tempo articulados para proporcionar uma condição de vida, de criação e de trabalho do artista.”

Assim, ao articular o sentido de residência, como o lugar “no qual se estabelece o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”, com o de *atelier* do artista, “como a moldura, o invólucro, o limite, e o espaço inicial de conformação de sua produção, [...] indica uma perspectiva para se pensar esse espaço entre o protegido para suas experiências e o da intimidade das relações pessoais, ao do confronto com o outro, com a possibilidade de expandir essas relações da ordem do privado para lança-las em outra instância.” Neste seguimento, a residência artística deixa de ser, “lugar do puro isolamento” ainda que possa servir como isolamento da vida contemporânea e do cotidiano das grandes cidades (Morais, 2009, pp. 10-11).

1.2. Sobre o tempo e o espaço

Na definição dos ambientes que caracterizam a residência artística, o tempo e o espaço apresentam-se como conceitos que se identificam com esses ambientes. “A condição de oferecer tempo e espaço para a criação é a proposta, em sua grande maioria, das instituições que se denominam residência artística.” A ideia fundamental passa pela condição de oferecer tempo e espaço ao artista, diferentes daqueles que ele normalmente tem para se dedicar ao seu trabalho.

O tempo que é colocado ao dispor do artista para o trabalho, assume uma nova dimensão pela retirada do artista do seu cotidiano. A distância empregue resulta como proteção das interrupções habituais, ainda que haja meios de comunicação que colocam o artista em constante ligação com o mundo, assim, o deslocamento imprime “Um tempo absolutamente diferente, e distinto, do tempo habitual” (Morais, 2009, p. 29).

O espaço onde são desenvolvidos os processos de criação e produção, já não é necessariamente um “lugar único, fechado e isolado”, mas sim “uma ampliação do estúdio do artista no que se refere à atuação” (Morais, 2009, p. 30). Assim, a residência artística pode ser pensada como um espaço “no qual se tem a reunião da materialidade e a vida que a anima” aliado ao “conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistema de ação” (Morais, 2009, p. 10).

O espaço, para além do físico, entende-se como um ambiente com características intrínsecas, onde lhe são conferidos um conjunto de elementos. O mesmo ambiente é “constituído por objetos, utensílios, mobiliário e condições que pré-existem à chegada de seus ocupantes temporários” (Morais, 2009, p. 10).

Neste sentido, importa entender a relação do sujeito com o espaço uma vez que não existem clientes específicos e concretos para este programa e por conseguinte não é possível estabelecer uma relação direta entre a relação empírica dos coabitantes e os espaços a ser concebidos.

No livro ‘Fenomenologia da percepção’, Merleau-Ponty, considera que o corpo é a nossa principal referência espacial e o espaço deve ser compreendido não só a partir dele, mas também como uma extensão dele e pressupõe a experiência das coisas diretas (Martins, 2009, p. 32).

O ‘eu’ existe no mundo pelo corpo e é através do corpo desta existência que, com o corpo, percebemos o mundo. O corpo é entendido como um espaço expressivo que projeta as suas significações no mundo exterior, atribuindo-lhes um lugar e fazendo-as existir como coisas. Consequentemente, o mundo exterior projeta-se no corpo, atribuindo-lhe um sentido e uma existência.” O espaço à luz da fenomenologia é entendido ‘como objeto de manifestação dos sentidos e como estrutura que reúne existência e significação’ (Martins, 2009, p. 32).

A casa fenomenológica tem presente na experiência do espaço as “lembranças e rememorações do passado imanente e individual” e do presente através das “experiências sensoriais”. Sendo assim, os espaços na casa fenomenológica possuem cada um a sua “própria identidade”, a casa é um todo fragmentado em vários “espaços autónomos” (Martins, 2009, p. 36).

A casa existencial, proporciona uma relação imediata, “procura a estabilidade” e a “relação com o ambiente é de natureza defensiva”. Aqui os seus elementos como as “texturas, a temperatura da cor refletida e da luz e a sonoridade dos ambientes”, criam um “lugar sensorial” (Martins, 2009, p. 36).

Através dos conceitos de casa fenomenológica e de casa existencial reconheceu-se a vantagem de intervir no edifício através de um projeto que siga a linguagem da casa existencial na conceção de espaços, onde estes, não visam ter em conta o empirismo das pessoas que virão a frequentar o edifício. Sendo a residência artística um lugar de espaço e tempo destinados ao artista para a criação, procura-se criar espaços que respondam às necessidades de produção artística e habitabilidade que não se regulem por uma funcionalidade específica, privilegiando a relação do corpo com o espaço.

As diferentes variações presentes na composição do espaço, como a elevação, rebaixamento, extensão, redução... estabelecem uma estrita relação deste com o corpo, uma vez que partilha relações de escala e estas podem variar segundo o contexto (Ramos, 2012, p. 49).

1.3. Sobre a reabilitação

A reabilitação, embora esta palavra não seja consensual, pressupõe para além da conservação, que o edifício após a intervenção fique adequado a responder a novas exigências, acrescentando, é preciso que além disso haja a manutenção de uma identidade através da criação de uma nova unidade. João Appleton (FAUUSP, 2020)

Tendo em conta a localização do caso de estudo, importa referir o Plano de Pormenor do Centro Histórico de Viana do Castelo (PPCHVC) de modo a entender o regulamento a que o edifício se encontra sujeito. Segundo o PPCHVC, o edifício está integrado na classe 2, pelo que “são permitidas obras de reabilitação admitindo-se as de reconstrução” (artigo 7º alínea b). E por obras de reabilitação, o regulamento define como “obras de adequação e melhoria das condições funcionais de edifícios, com possibilidade de reorganização dos espaços interiores, mantendo-se o esquema estrutural básico e o aspecto exterior original” (artigo 6º alínea d).

Neste tema pretende-se identificar o problema do projeto do ponto de vista da reabilitação. Este foca-se na concretização da temática, pondo em prática a definição de uma residência artística através da elaboração do respetivo programa. E uma vez que o presente trabalho aborda uma preexistência, importa perceber que existe a adaptação do programa à preexistência e vice-versa. Assim, torna-se importante entender de que modo o novo programa se adequa com as várias premissas que constituem o existente, e de que forma a preexistência pode ser alterada ao ponto de acolher a nova função adaptando-se a modos de vida contemporânea sem a sua descaracterização, resultando num equilíbrio entre as duas partes.

Numa operação de reabilitação são integradas “operações de conservação, restauro, reforma ou ampliação, mas também de transformação, visto que possibilita a atuação mediante demolições parciais, substituição e inclusivamente, a reconstrução”, deste modo, a reabilitação é associada ao conceito de renovação. (Correia, 2016, p. 71) Assim, perante a problemática da reabilitação de edifícios, existem várias possibilidades a seguir, com a finalidade de atingir o equilíbrio entre o passado e o presente. Entre elas, a manutenção do edifício com a adição de novos volumes de linguagem contemporânea, onde se destaca o contraste tanto na diferença de materiais como em aspetos formais; o restauro do edifício através da manutenção da sua linguagem, ou mesmo a recriação de uma linguagem que possa ter existido, onde a adaptação entre as duas transparece uma certa continuidade visual. Existe ainda a possibilidade de conservação ou reparação. Ainda dentro de cada uma destas perspetivas são gerados diferentes graus de intervenções no edifício pelo que a sua reabilitação depende da sua vertente (Trindade, 2010, p. 66).

O edifício a intervir passa assim a ter um papel determinante na sua renovação uma vez que o novo programa tem que ser compatível com o construído, sendo ainda exequível e funcional. Deste modo na adaptação do novo ao preexistente é necessária uma organização do espaço assumindo aqui uma influência mútua de um para com o outro. Neste processo de alteração é inevitável a interferência na paisagem onde nada será como antes (Rodrigues, 2015, p. 25).

Assim, no processo de reabilitação é estabelecida uma relação entre o velho e o novo, de onde se tenta potencializar a preexistência através da proposta. Neste diálogo, pretende-se o equilíbrio entre as partes, onde na associação do novo com o antigo, surge uma nova composição arquitetónica dando origem a uma única unidade.

2. O contexto da preexistência

2.1. Sobre o lugar

Neste capítulo é apresentada a localização do caso de estudo onde é retratado o seu enquadramento na evolução do CHVC. Em conjunto com as descrições são apresentadas imagens fotográficas e mapas com a localização geográfica de forma a elucidar o contexto onde se insere o caso de estudo.

Viana do Castelo é uma cidade localizada na região do Minho a Noroeste de Portugal. Devido à sua localização geográfica, a cidade sempre teve uma forte relação com o oceano através de vários setores, como a pesca, a construção naval, as trocas comerciais, os desportos náuticos entre outros. As suas excelentes potencialidades portuárias e a forte vocação marítima da população da Foz do Lima levaram o Rei Afonso III a conceder-lhe em 1258 a Carta Foral, e mais tarde, em 1848, com o comércio marítimo a prosperar, é elevada a cidade com o nome de “Viana do Castelo” (Torre, 2015, p. 53). A cidade possui uma forte identidade cultural que assenta na sua tradição marítima e agrícola, e tem o seu expoente máximo refletido na romaria em honra da Nossa Senhora da Agonia, onde se percebem as suas origens e os seus costumes.

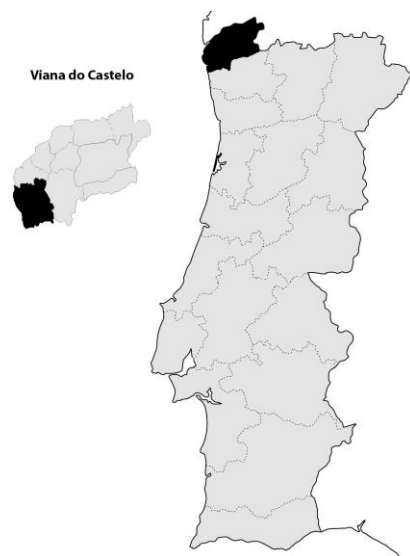


Figura 3 - Localização geográfica do conselho de Viana do Castelo inserido no contexto distrital e nacional.



Figura 4 - Vista de Viana do Castelo desde a margem oposta do rio Lima.



Figura 5 - Vista aérea de Viana do Castelo.

O edificado do CH aquando do afastamento da margem do rio, passou a ser delimitado pela localização de edifícios importantes como conventos, igrejas e até mesmo casas burguesas, que criaram linhas de referência e foram balizando o edificado, formando quarteirões que aos poucos foram preenchidos por construções mais humildes (Fernandes, 1992, p. 74). É então no séc. XVI que é acentuada a expansão extramuros, relacionada com um surto demográfico devido à prosperidade do comércio ultramarino, o que levou à proliferação das casas de fidalgos e burgueses, sendo também nesta época que são fundados a maior parte dos edifícios conventuais, e até ao início do séc. XX, foram eles que delimitaram o perímetro da vila. “St- Ana-1510, S. Bento-1545, S. Domingos-1566, St^s Ant^o-1612, Carmo-1621, Cruzios-1630” (Fernandes, 1992, p. 74). Já no séc. XX foi a linha do caminho-de-ferro que conteve a densificação do edificado, acabando por delimitar o centro histórico da cidade tanto no lado Norte como no lado nascente.

A localização do caso de estudo torna-se preponderante em relação ao Centro Histórico, uma vez que na sua envolvente surgiu o convento de Santa Ana, fundado em 1510, um dos vértices do polígono que passou a delimitar na época o espaço ocupado pela cidade (Fernandes, 1992, p. 74). Em 1527, a sudoeste do caso de estudo, iniciou-se a edificação de uma casa nobre, o Palácio dos Viscondes da Carreira onde existe hoje a CMVC (Noé & Estadão, 1992;2007). A poente situa-se a casa dos Melo Alvim e a sua fundação data do ano de 1509. No lado Noroeste existiu o convento dos Crúzios com a sua primeira pedra lançada em 1631 (Pinho, 2006-2007, p. 469). A nascente, a Casa dos Werneck é mandada construir em 1840 (Amaral & Rodrigues, 1999), (fig. 6). Mais tarde, em 1878 (Fernandes, 1992, p. 82) a Norte do edifício, é construída a estação do caminho de ferro, que levou à demolição do convento dos crúzios, e que por sua vez originou a abertura da Avenida Central em 1917 (Fernandes, 1992, p. 102), atualmente Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, para facilitar a ligação da estação de comboios ao rio.

Conclui-se que o edifício do caso de estudo já aparecia na planta de 1860 com edifícios relevantes na sua envolvente, hoje classificados e em vias de classificação, o que pressupõe ter sido um edifício importante à época sob o ponto de vista da sua localização, que mais tarde com a estação do caminho de ferro e conseqüente abertura da Avenida Central, veio acentuar aquele local como um dos mais movimentados do Centro Histórico (Fernandes, 1992, p. 92).

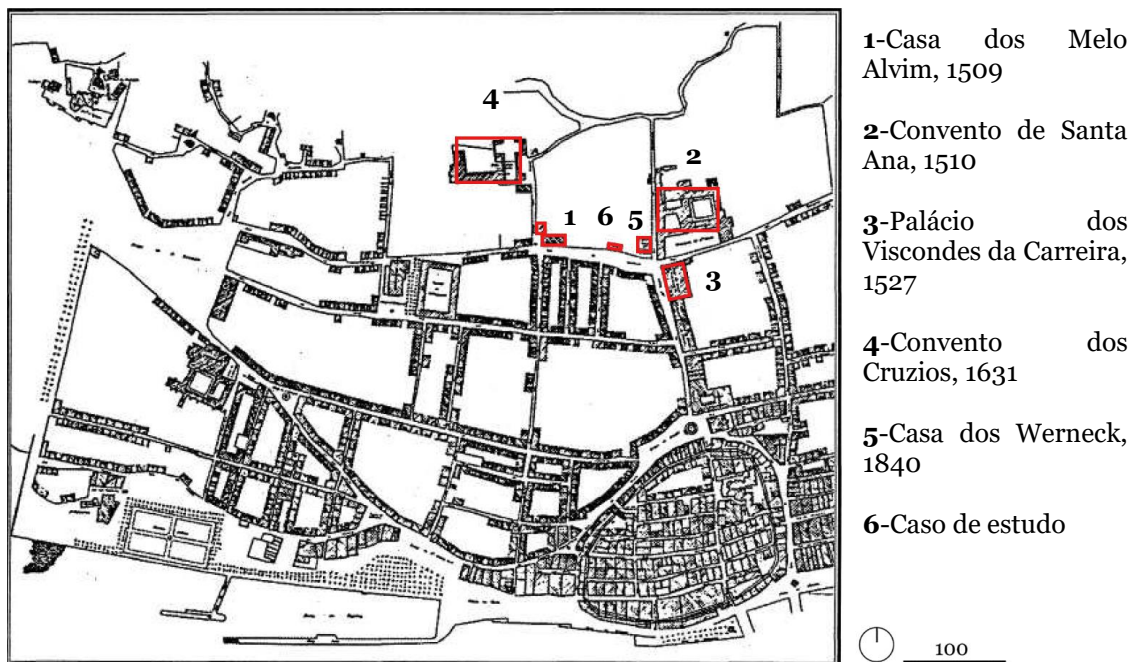


Figura 4 - Viana do Castelo em 1860 segundo Thomaz Correia, editada pelo autor (Fernandes, 1992, p. 78).

A morfologia do edificado do CH é caracterizada por um tecido urbano homogéneo e compacto com matriz ortogonal regular. A sua forma e dimensão apresentam-se condicionadas pela relação com o rio, o mar e o monte, uma vez que teve início junto ao rio e se foi moldando aos elementos naturais no seu processo de crescimento, resultando numa morfologia equilibrada (Castelo, 2016, p. 7). O seu crescimento deu-se através da abertura de arruamentos ortogonais que formaram quarteirões, preenchidos perifericamente por edifícios geminados deixando os seus interiores livres. A sua expansão não aconteceu de forma contínua nem resultou da adição de espaços, assim, são perceptíveis na cidade diferentes áreas com características distintas influenciadas estruturalmente pelos diferentes quarteirões. No Centro Histórico percebem-se três tipos de áreas, tal como se verifica na figura 7. A primeira numa área medieval, densamente ocupada, com quarteirões retangulares inseridos num plano ortogonal (Fernandes, 1992, p. 71). A segunda, ligada à época moderna, é também definida por quarteirões densamente ocupados, ainda que, com maior dimensão do que os anteriores e com espaço verde no interior. Numa terceira área, onde se localiza o caso de estudo, ligada ainda à época moderna, os quarteirões são mais amplos, com um espaço verde mais extenso e com menor densidade (Correia, 2016, p. 91).

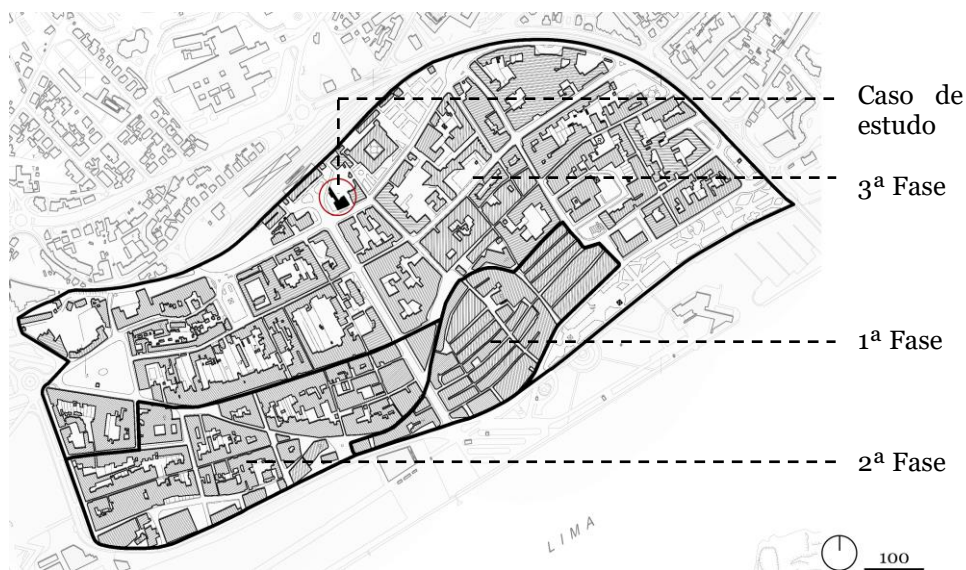


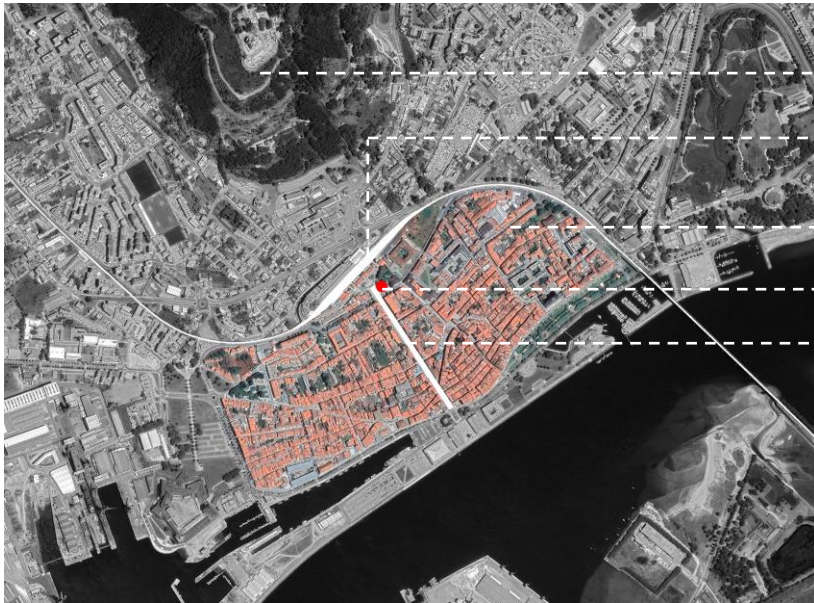
Figura 5 - Planta do CHVC com a morfologia do edificado, editada pelo autor.

O caso de estudo situa-se na Avenida do Conde da Carreira junto à interceção desta com a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra. Está localizado numa zona muito movimentada do Centro Histórico que funciona como entrada no mesmo, tanto para quem chega de transportes públicos, como de automóvel pela Avenida do Conde da Carreira, uma vez que ao lado do edifício se encontra a estação do caminho de ferro e um estacionamento automóvel subterrâneo.

A Av. dos Combatentes da Grande Guerra faz a ligação entre a estação do caminho de ferro até à praça da liberdade, ladeada por dois edifícios, obra de Fernando Távora na frente ribeirinha. Aqui encontram-se também implantadas a Biblioteca Municipal de Siza Vieira e o Centro Cultural de Viana do Castelo de Souto Moura. Esta avenida facilita também o acesso ao núcleo do centro histórico.

O monte de Santa Luzia proporciona uma ligação visual direta com toda a zona baixa da cidade, onde é frequente a sua subida e a contemplação da vista panorâmica sobre o rio Lima, o mar e a cidade. Este monte tornou-se numa barreira à expansão da cidade para Norte, que já tinha o rio e o mar como limites, passando assim, a ser um elemento muito presente na imagem da cidade de Viana do Castelo atualmente, um ponto de referência da mesma.

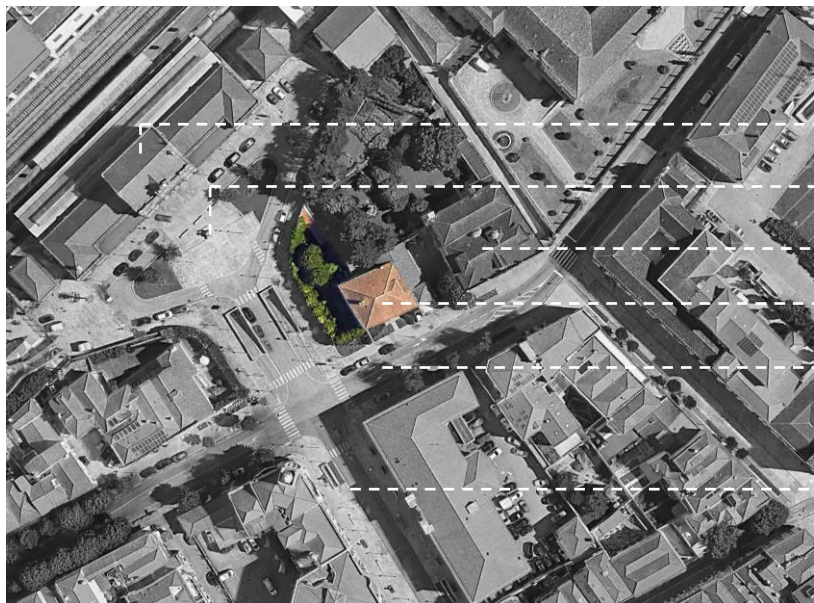
Em suma, a localização do edifício é marcada pela proximidade da estação do caminho de ferro, que através da sua linha delimita o centro histórico, da Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, que foi aberta para ligar a estação ao rio de forma direta, e pelo monte de Santa Luzia.



Monte de Santa Luzia
 Estação do caminho de ferro
 Centro Histórico
 Caso de estudo
 Av. dos Combatentes da Grande Guerra

100

Figura 6 - Imagem com o Centro Histórico na atualidade, editada pelo autor.



Estação do caminho de ferro
 Largo da Estação
 Casa dos Werneck
 Caso de estudo
 Av. do Conde da Carreira
 Av. dos Combatentes da Grande Guerra

50

Figura 7 - Imagem com a implantação do Caso de estudo, editada pelo autor.

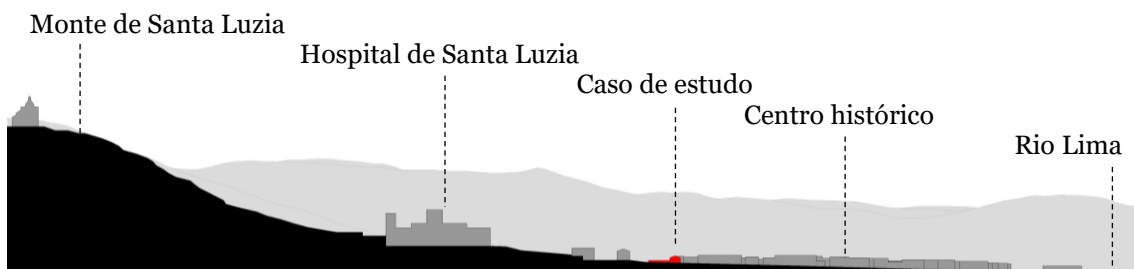


Figura 8 - Perfil da topografia de Viana do Castelo.

2.2. Sobre o edifício



Figura 9 – Caso de estudo visto desde a Av. do Conde da Carreira.

Levantamento arquitetónico

A habitação urbana no Centro Histórico de Viana do Castelo carece de documentação quando se trata da habitação comum, uma vez que a maior parte da informação se refere às casas mais relevantes (Correia, 2016, p. 92). E sendo o caso de estudo um edifício sem qualquer valor patrimonial, a informação sobre este é limitada. Deste modo, esta fase do trabalho torna-se preponderante para a interpretação e reconhecimento do objeto de estudo. É então a partir daqui que se consegue uma noção real da preexistência por meio de análise *in loco* e da recolha de informação através do desenho, fotografia, medidas e anotações que se verificaram indispensáveis para a elaboração de todo o material de levantamento arquitetónico do edifício.

O levantamento arquitetónico culmina na elaboração de desenhos técnicos representativos da preexistência onde se pode perceber o resultado de intervenções feitas no edifício, os sistemas construtivos, os materiais e o seu atual estado de conservação. Este, para além de ser uma ferramenta para a leitura de todo o léxico do preexistente, é também a base para auxílio na elaboração do projeto de reabilitação que compõe esta dissertação.

Reconhecimento inicial

A abordagem ao edifício deu-se maioritariamente pelo exterior uma vez que o acesso ao seu interior era limitado, acabando por despertar uma maior curiosidade e inquietação acerca do interior da sua volumetria. A primeira fase passou por interpretar o edifício através de um levantamento esquemático, já realizado pela Câmara Municipal, e do levantamento topográfico do espaço exterior do caso de estudo, também cedido pela Câmara. Através destes foi possível um reconhecimento volumétrico do edifício, tendo como base o levantamento das paredes exteriores.

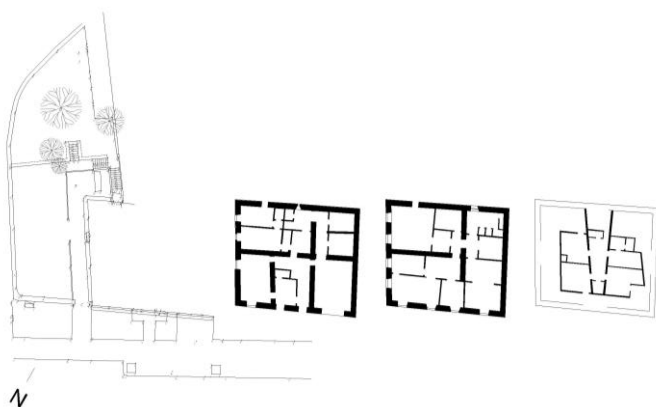


Figura 10 - Levantamentos esquemático cedido pela CMVC.

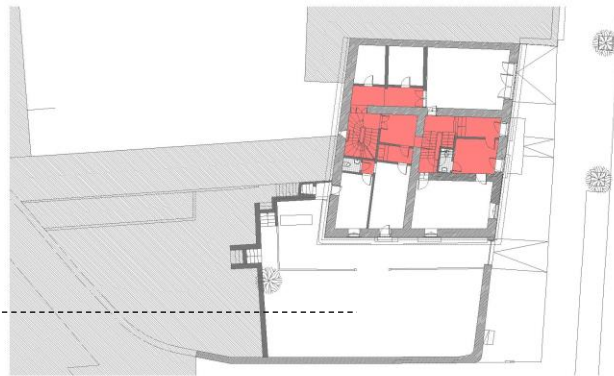


Figura 11 - Placa de identificação do caso de estudo.

Após a autorização da Direção Regional de Educação do Norte (DREN) e da Câmara Municipal, consegue-se aceder ao interior do caso de estudo. Nestas visitas foi necessário o acompanhamento por parte de pessoal da Câmara Municipal uma vez que o edifício até então armazena arquivos da DREN, entidade que o utilizou por último antes da sua desocupação e conseqüente deterioração.

É nestas visitas que se dá o momento dos primeiros conjuntos de registos gráficos e fotográficos, e percebe-se a sua organização interior sob o ponto de vista espacial, os materiais utilizados, assim como o seu estado de conservação. A utilização do esquiço e da fotografia começou por ser a ferramenta mais utilizada pela sua rapidez e eficiência no registo da informação.

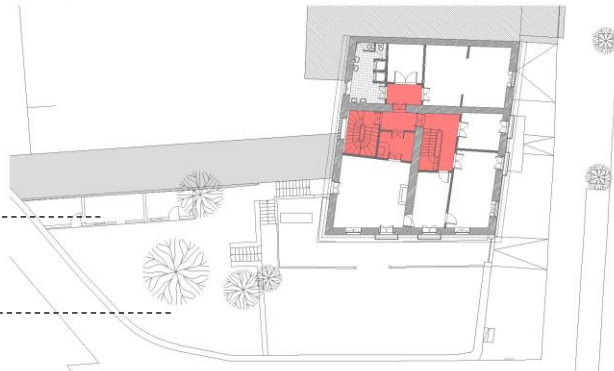
Logradouro



Piso 0

155,91 m²
6 salas
2 WCs
5 acessos
9 vãos

Patamar inferior
189,7 m²

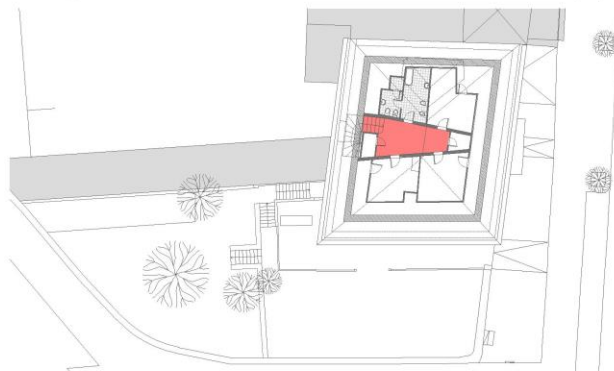


Piso 1

166,34 m²
7 salas
1 WC
3 acessos
11 vãos

Anexo 24,5 m²

Patamar superior
188,1 m²

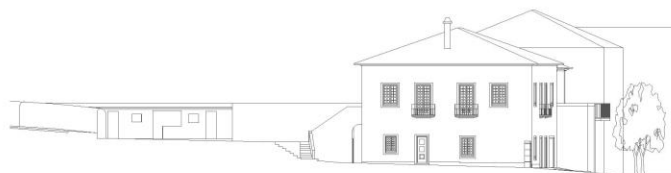
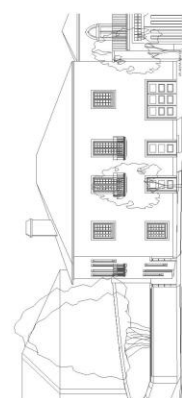
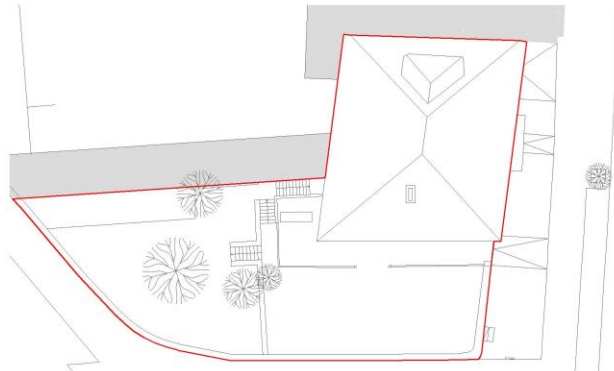
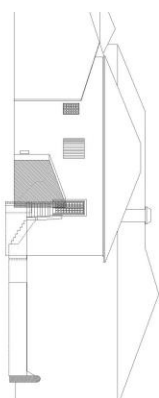


Piso 2

74,80 m²
5 salas
1 WCs
1 acessos
2 vãos

Área total
377,8 m²

Área total
397,05 m²




 Zonas de circulação



Figura 14- Sequência das peças desenhadas resultantes do levantamento arquitetônico.

Composição exterior



Figura 15 - Imagem com o caso de estudo e a envolvente, editada pelo autor.

O caso de estudo, designado por antiga residência feminina de estudantes, insere-se no centro histórico de Viana do Castelo, junto à estação do caminho de ferro.

Trata-se de uma volumetria de dois pisos mais o sótão dos quais se percebem através da leitura dos seus alçados. Situada na avenida do Conde da Carreira, remata o edificado antes da interseção desta com a avenida dos Combatentes da Grande Guerra recuando-se em relação ao edifício adjacente. A residência é complementada por um logradouro circundado por um muro, que separa o caso de estudo da via pública. Na sua envolvente existe o largo da estação e a avenida dos Combatentes, os quais, através do seu espaço amplo, dão destaque às suas fachadas, tornando a sua localização facilmente perceptível.

Olhando para o objeto de estudo, e numa análise ainda exterior, a residência apresenta-se como um paralelepípedo encostado à casa dos Werneck, com o seu alinhamento ligeiramente mais recuado em relação à Avenida do Conde da Carreira, numa implantação contrária da maioria do edificado do CH que se insere em lotes estreitos e alongados. O seu recuo destaca o edifício atribuindo-lhe maior protagonismo, ainda que a composição da sua fachada seja mais despojada de adornos comparativamente à sua envolvente. A sua volumetria, vai de encontro à maioria do edificado do CH, uma vez que, através do Programa Estratégico de Reabilitação Urbana, publicado pela CMVC, em 2016, sabe-se que o edificado que compõe o CHVC, é maioritariamente constituído por edifícios com 2 pisos (cerca de 43%), seguindo-se os edifícios com 3 pisos (cerca de 30%) (Correia, 2016, pp. 95-96).

O acesso ao edifício dá-se pelo lado Sul a uma cota ligeiramente inferior, vencida através de rampas, desde a avenida do Conde da Carreira, havendo duas portas para tal e uma entrada maior com 3 metros de largura, medida habitualmente utilizada em portas de garagem. É também deste lado que se acede ao logradouro através de uma entrada direta desde a avenida do Conde da Carreira. Já dentro do logradouro é possível aceder ao edifício, através de duas entradas no piso terreno e uma escada que dá acesso ao piso 1.



Figura 16 - Fotografias com acessos ao edifício.

O caso de estudo é constituído por um edifício de três pisos com um logradouro adoçado do lado Noroeste que confina com o largo da estação do caminho de ferro. Este jardim, circundado por um muro perimetral, é dividido em dois níveis, onde no patamar superior existe um anexo e um poço de apoio ao espaço exterior. O logradouro consistia num espaço construído nas traseiras das moradias fidalgas, que no período oitocentista começaram a estar mais ligadas à vida urbana, atribuindo assim mais importância ao logradouro como espaço de lazer e de cultivo (Correia, 2016, pp. 95-96).



Figura 17 - Fotografias do logradouro constituído por 2 níveis, à direita com o anexo no patamar superior.

Em relação ao lado nascente do edifício, este possui apenas duas janelas no último piso através de uma trapeira na cobertura uma vez que, este lado confina com uma parte do edifício que pertence à casa dos Werneck, fazendo com que a sua volumetria fique exposta para o lado Sul e poente e em parte para Norte.

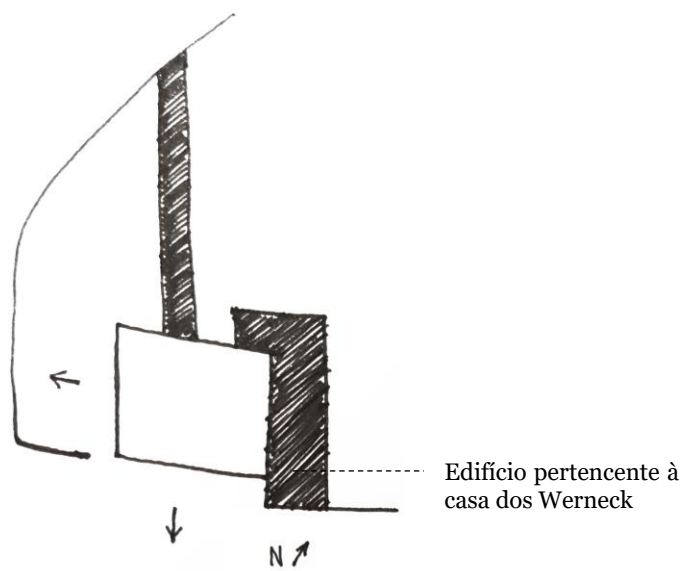


Figura 18 - Desenho esquemático da implantação do edifício.

Composição interior

No que toca à organização funcional da preexistência, atualmente esta é distribuída por várias salas, onde eram repartidos os diversos setores da Delegação escolar da cidade, entidade última a ocupar o edifício.



Figura 19 - Sinalética de algumas repartições relativas à última utilização do edifício.

Na sua organização pelos três pisos, estão incorporadas duas pequenas casas de banho de serviço no piso 0, uma casa de banho estilo balneário com 12.5 m² no piso 1 (fig. 22) e uma última casa de banho subdividida no piso 2 com 13.5 m² (fig. 23). São as instalações sanitárias presentes no piso 1 e 2 que mais evidenciam a ocupação do edifício como residência feminina de estudantes, o que se pressupõe terem sido criadas para tal função. Reconhecem-se também alguns espaços comuns que se realçam pela presença de uma lareira numa sala do piso 1, e no piso abaixo, pela existência de uma conduta de extração de fumos, num compartimento com as suas paredes revestidas a azulejo até a uma altura de dois metros, e com uma ligação direta com o logradouro, reunindo assim as condições para ser interpretado como uma antiga cozinha. Tanto no acesso para a cozinha como no acesso para a sala que fica acima deste, existe um pequeno hall, e nestes dois espaços está incorporado um pequeno elevador para o transporte de objetos.



Figura 212 – Casa de banho do piso 1.



Figura 203 - Casas de banho do piso 2 iluminadas por claraboia e janela da trapeira.

O carácter exterior da preexistência pressupõe que os seus pisos tenham um pé-direito de escala doméstica, o que não se verifica no seu interior, onde a sua altura varia entre 3,38 e 3,80 metros no piso térreo, e 3,22 metros no primeiro piso, com exceção para o último piso que resulta do aproveitamento do sótão, com uma altura máxima de 2,25 m. estas características vão de encontro à tipologia do edificado habitacional do CHVC. Este, com a elevação de Viana a cidade, que por sua vez influenciou a multiplicação das lojas de comércio, levou ao surgimento de uma nova tipologia caracterizada pelo aumento da altura das portas e do pé-direito (Correia, 2016, p. 96).

É de salientar a existência de duas comunicações verticais, a primeira (fig. 24) junto à entrada que apenas liga o piso 0 ao piso 1, e outra (fig. 25) encostada à parede Norte por onde se acede a todos os pisos. As duas caixas de escadas transparecem a ideia de uma certa independência em algumas zonas da casa, o que por sua vez leva a uma hierarquização dos espaços, diferente daquilo que se percebe pelo seu exterior onde se lê a casa como um todo através da sua volumetria homogénea.

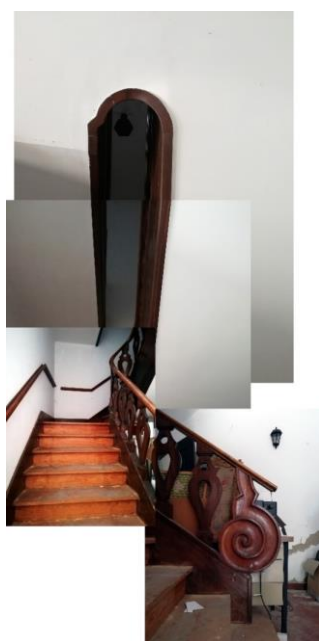


Figura 22 - Caixa de escadas junto à entrada.

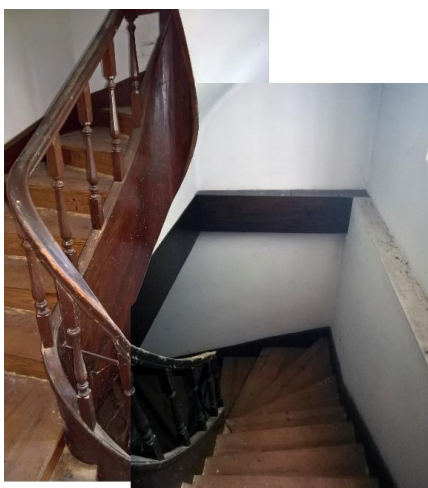


Figura 23 - Caixa de escadas do lado Norte.

Pelo interior, no piso térreo o percurso é confuso, onde a circulação acontece por vários espaços e a escassez de luz natural dificulta ainda mais a sua perceção. A diferença de

cotas no exterior, entre a avenida e o logradouro, é acompanhada também por um desnível no interior do piso 0, onde os compartimentos virados para a avenida apresentam-se 42 cm mais baixos do que o resto do piso que fica à cota do patamar inferior do logradouro.

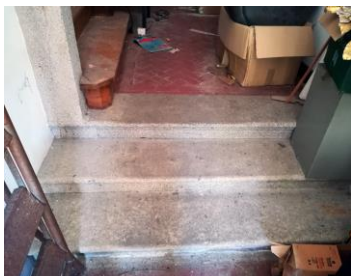


Figura 25 - Degraus do desnível no piso 0, junto à entrada.

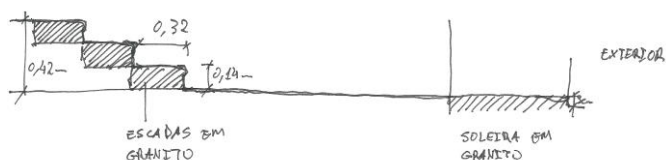


Figura 24 - Desnível no piso 0, levantamento.

A orientação do edifício reflete-se na configuração dos espaços nos dois primeiros pisos, onde os compartimentos virados a Sul e a poente possuem uma maior relevância sob o ponto de vista da sua dimensão e obtenção de luz natural, contrariamente ao lado nascente e em parte o lado Norte que confinam com o edifício que pertence à casa dos Werneck. A relação do edifício com a Av. do Conde da Carreira é também perceptível nos vãos, onde no piso 1, para além das portas com varanda, as janelas possuem namoradeiras, acentuando a importância da rua na definição dos espaços.



Figura 26 - Namoradeira, piso 1.

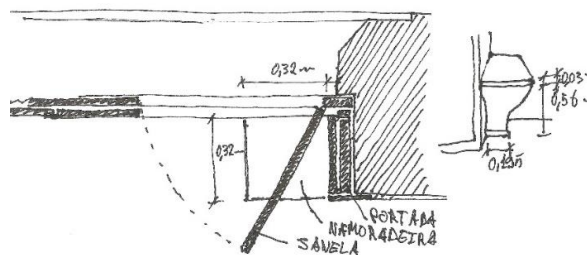


Figura 27 - Constituição da janela com namoradeira, levantamento.

O piso 2 resulta do aproveitamento do sótão, apresentando um pé-direito mais baixo e a obtenção de luz natural é feita através de pequenas claraboias distribuídas pelos vários espaços. Neste mesmo piso, uma sala e o wc, aproveitam uma trapeira orientada a nascente com duas janelas para a sua ventilação e iluminação. Deste modo, o último piso do edifício é o que possui uma menor relação com o exterior.



Figura 28 - Claraboia piso 1.

Sistemas construtivos

Antes de mais, convém destacar, através da comparação do edifício atual com fotografias antigas, diferenças em alguns vãos e na forma da cobertura. Nas imagens que focam a estação do caminho de ferro (fig. 31 e 32), aparece parcialmente o caso de estudo, que ao contrário do que vemos atualmente, em que apenas um telhado de quatro águas cobre toda a volumetria do edifício, este apresenta três telhados independentes que compunham a cobertura, dando a ideia de um conjunto de três casas individuais. De modo a complementar esta observação, percebe-se nas plantas atuais que a espessura das paredes divisórias interiores se assemelham à mesma espessura das paredes exteriores, dando a entender que estas paredes tenham sido de meação. Ainda em relação às coberturas, são perceptíveis duas chaminés e uma trapeira em locais diferentes de onde atualmente existem os mesmos elementos.

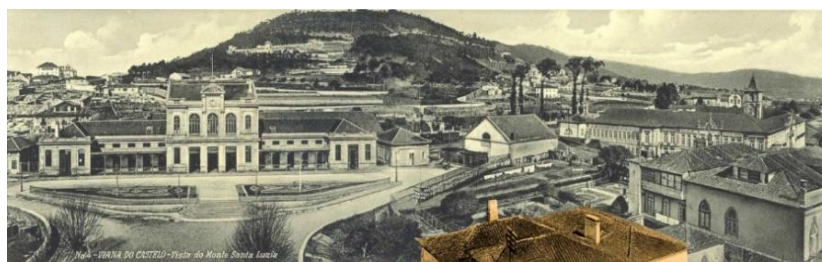


Figura 29 - Fotografia com parte das coberturas do caso de estudo, sem data, editada pelo autor.

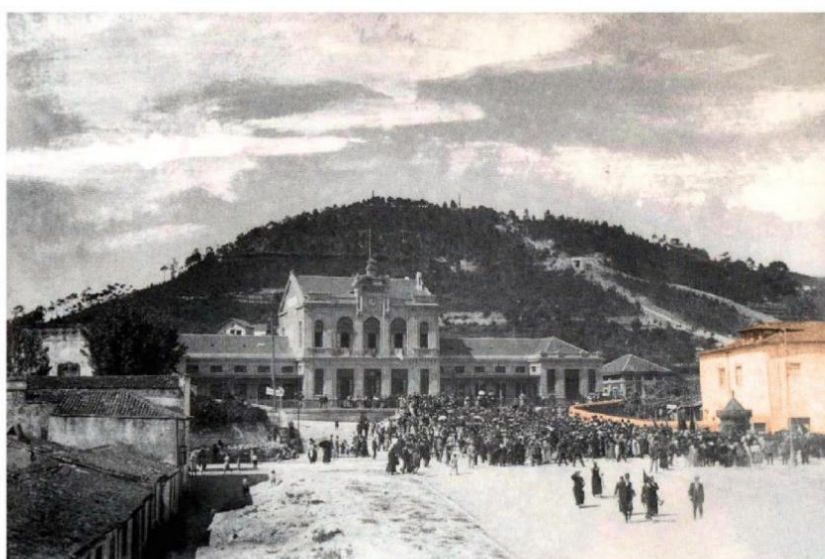


Figura 30 - Fotografia com parte dos alçados do caso de estudo, sem data, editada pelo autor.

Nesta fase do trabalho pretende-se analisar os sistemas construtivos, tendo como base a análise da tipologia do edificado do CH, e perceber o seu estado de conservação como forma de sustentação para a proposta a realizar.

...edifícios geminados entre si, de grande homogeneidade formal e construtiva, caracterizados pelo uso de uma gama de materiais (pedra, madeira e reboco) que, apesar de restrita, resultou num conjunto urbano equilibrado e variado, de grande riqueza formal e expressiva (Castelo, 2016, p. 7).

O caso de estudo é representativo do tipo de construção tradicionalmente usado no centro histórico. As paredes exteriores são em alvenaria de granito, com uma espessura que varia entre os 50 e os 70 centímetros conforme o piso, constituídas por elementos de cantaria de pedra aparelhada que rematam os vãos de portas e janelas. As escadas exteriores de acesso ao primeiro piso, e as varandas, são constituídas por pedras de granito, sendo cada varanda composta por uma pedra em consola e gradeamento em ferro. Este tipo de construção, que se aplica às fachadas, aplica-se também ao muro perimetral e abrange algumas paredes divisórias do edifício. No piso 1, existem duas aberturas em que as suas ombreiras são constituídas por cantaria de pedra igual aos vãos que confinam com o exterior, assim como as suas padieiras que possuem também um relevo em pedra⁵. As paredes portantes servem de suporte ao vigeamento de madeira com o qual são estruturados os pisos e cobertura, que a par das paredes divisórias de tabique e alvenaria de tijolo compõem a estrutura interior. O apoio das vigas sobre as paredes, acontece em parte por encastramento, e outras através do seu assentamento em cachorros que se encontram encastrados nas paredes. Sobre esta estrutura, é pregado o soalho de madeira como pavimento, e o fasquio sobre o qual são revestidos os tetos.



Figura 31 – Aberturas nas paredes estruturais do piso 1.

O revestimento do edifício pelo exterior, em reboco, é o resultado de uma argamassa de regularização, pintada de cor branca. No interior e no muro que circunda o logradouro, é utilizada a mesma solução, no entanto, os tetos, e as paredes do piso 2 apresentam acabamento em estuque aplicado sobre o fasquio, enquanto as zonas de água possuem revestimento cerâmico. O remate do pavimento com as paredes é feito com um rodapé em madeira.

As paredes interiores não estruturais nos dois primeiros pisos, supõe-se que sejam de tijolo de 11 revestido com 2 cm de reboco, resultando em 15 cm de espessura total. O último piso deriva do aproveitamento do sótão, construído no espaço resultante da estrutura que suporta a cobertura, que por sua vez está dissimulada em duas paredes mestras de 23 cm que, em conjunto com paredes tabique de 9 cm, formam a compartimentação do espaço. Estas são constituídas por um pano de tábuas verticais revestido em ambas as faces por fasquio.

As portas interiores são em madeira, algumas opacas e outras iguais às portas das varandas, em que possuem uma estrutura quadriculada preenchida com vidro translucido.

A cobertura de quatro águas, com uma pendente pouco acentuada, contém uma trapeira no lado nascente com duas janelas, assente numa estrutura de madeira que por sua vez descarrega as forças para as paredes portantes. O seu revestimento possui telha portuguesa, com beirado e sub-beirado feitos em telhas de canudo, sendo o remate entre a fachada e a cobertura feito através de uma pequena cornija de betão.

Os vãos exteriores são maioritariamente constituídos por portas e janelas de madeira pintada, com vidro simples, de estrutura quadriculada. As portas de acesso ao piso térreo diferenciam-se devido à sua cor, possuem uma estrutura de madeira, constituída por almofadas e vidro que por sua vez é protegido na frente por uma moldura em aço. A sua cor passa por um tom acastanhado e esta abrange também as guarnições e peitoris exteriores, que também são em madeira, sendo o restante de cor branca. As portadas são colocadas pelo interior, em madeira e pintadas de branco.

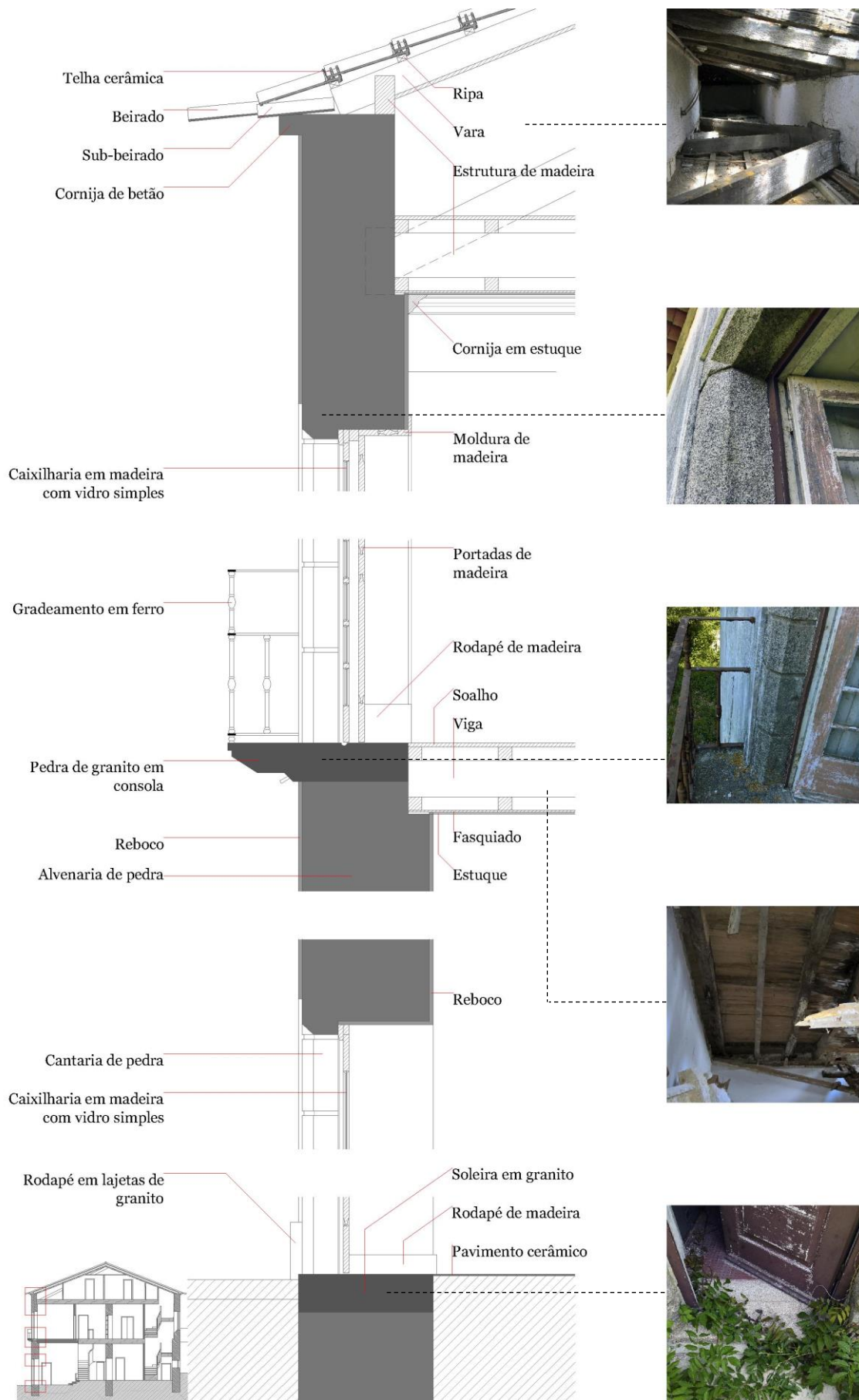


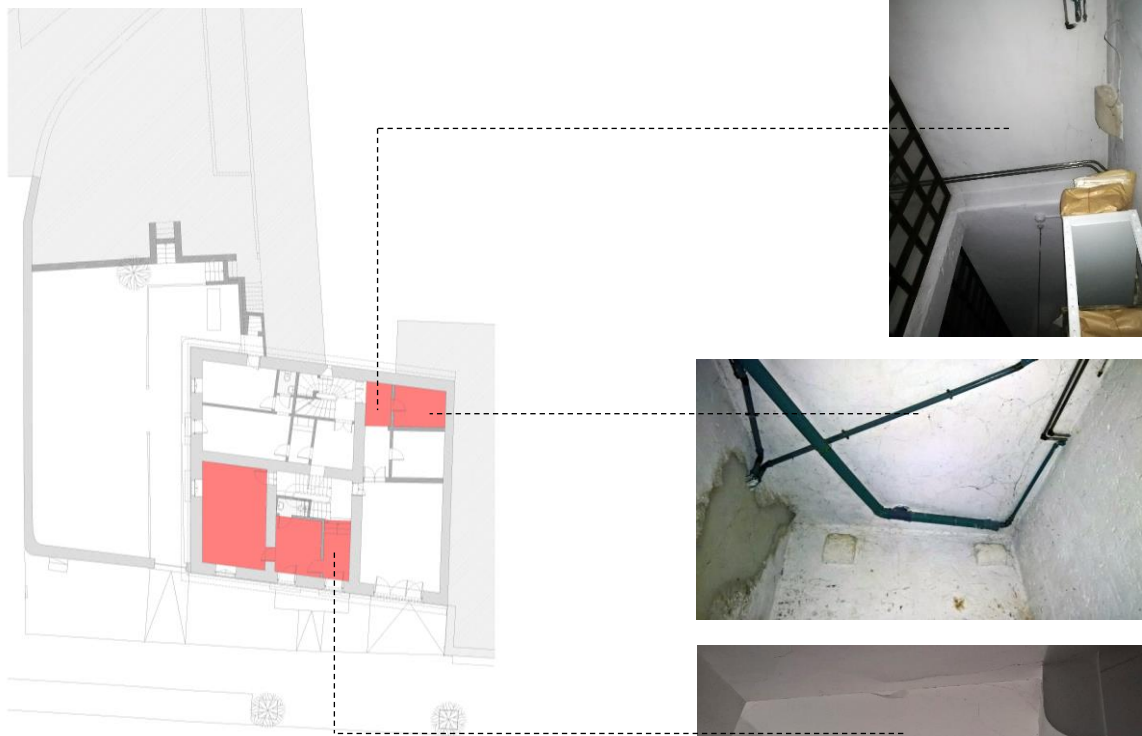
Figura 32 - Secção construtiva da fachada Sul com fotografias ilustrativas.

Sistemas construtivos: elementos de exceção

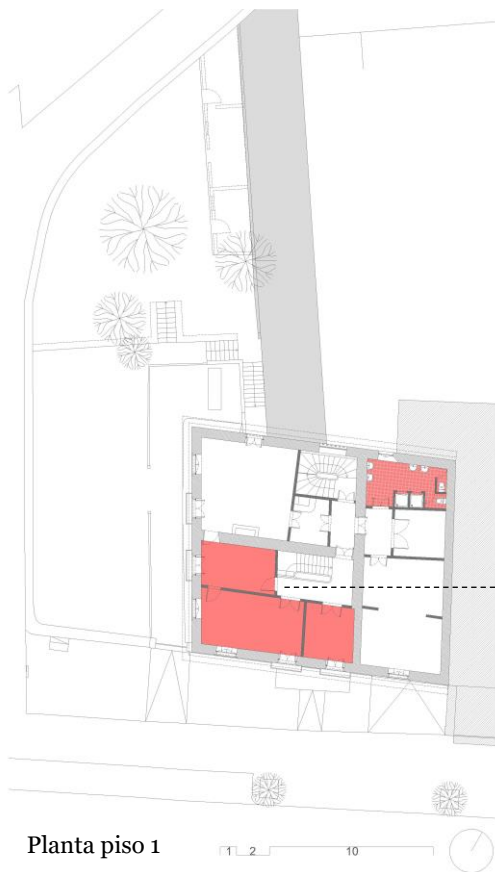
O caso de estudo apresenta pontualmente elementos que se destacam quando comparados com o sistema construtivo tradicional que caracteriza a tipologia presente no edificado do CH. A sua maioria encontra-se nos pavimentos do primeiro piso, que em parte foram alterados estruturalmente para betão nos locais onde existem hoje casas de banho e em algumas salas do lado Sul, estas sem justificação aparente (fig. 36). Esta alteração dos pavimentos é perceptível nos elementos construtivos presentes, uma vez que nas partes alteradas, os cachorros que suportavam a estrutura em madeira, estão agora sem utilidade visto que as lajes de betão não se apoiam nestes. É também perceptível na casa de banho do piso 1, onde nas zonas de água é utilizado pavimento cerâmico e nos compartimentos do lado Sul pavimento vinílico. Em maioria, cada piso apresenta uma homogeneidade nos seus acabamentos, no entanto, o piso térreo exibe uma maior variedade nos pavimentos, onde se verificam três tipos de pavimento cerâmico e ainda pavimento em madeira sob a forma de taco (fig. 35). Da mesma maneira se constata uma variedade na composição das portas interiores do piso térreo.



Figura 33 - Sequencia de fotografias dos vários tipos de pavimento que compõem o edifício.



Planta piso 0



Planta piso 1



Pavimento vinílico

Pavimento soalho



Figura 34 - Sequência de fotografias e desenhos de levantamento, representativos das alterações nos pisos.

Estado de conservação

O abandono do caso de estudo para além de acentuar o envelhecimento natural dos materiais, levou a que o edifício adquirisse diversas patologias devido à sua falta de manutenção. Nesta fase, pretende-se identificar, de um modo geral, as patologias que o edifício apresenta com maior frequência.

É de salientar que no levantamento efetuado em 2015 através do Programa Estratégico de Reabilitação Urbana, o edifício em estudo já necessitava de intervenção de acordo com a classificação do seu estado de conservação (Castelo, 2016, p. 39).

Os problemas mais evidentes no edifício aparecem essencialmente nas estruturas de madeira, chegando em alguns casos à rotura dos mesmos. Esta é consequência da infiltração das águas pelo telhado e pela carga dos arquivos e mobiliário presente no interior do edifício. A deficiente impermeabilização da cobertura levou ao apodrecimento da madeira causando problemas de ordem estrutural. As paredes interiores de tabique apresentam já deformações e manchas de humidade o que por sua vez levou ao destacamento dos estuques e ao aparecimento de fungos, como se verifica na terceira e quarta imagem da figura 37.

Nas paredes estruturais, os problemas mais evidentes estão também relacionados com a humidade que aparece por capilaridade no piso térreo e por infiltração devido à degradação do revestimento das paredes exteriores, que pelo facto do edifício não ter calcários, a água ao bater nas varandas salpica para as paredes infiltrando-se nestas como se vê na imagem 1 e 2 da figura 37.

Nos pavimentos são visíveis marcas provocadas por ataques de insetos xilófagos, afetando a integridade e resistência da madeira, tornando-se um problema sério para a estabilidade e segurança do edifício, sendo a madeira um material muito presente no mesmo.

A ausência de vedação dos vãos é notória, havendo alguns de tal ordem danificados que de forma alguma cumprem a sua função.



Figura 35 – Fotografias das patologias relacionadas com a humidade.



Figura 36 - Rotura da estrutura de piso, em cima vista desde o piso 1, em baixo vista desde o piso térreo.

3. Proposta

3.1. Ações sobre a preexistência

Após a análise e reconhecimento do edifício, neste capítulo, abordam-se questões teóricas que servem de base para a elaboração da proposta de intervenção no caso de estudo. A proposta tem como objetivo materializar a temática da presente dissertação, onde depois de compreender a definição de residência artística e o edifício em causa, se procura a conjugação entre ambos. Neste sentido, elabora-se um novo programa que visa adaptar a preexistência a uma nova função à nova função, tendo o edifício como base para o desenho do novo programa. Assim, através de pistas dadas pelo caso de estudo, procura-se abordar temas como a conservação e a adição, tendo como referência várias obras e projetos já existentes que sirvam de base para a posterior proposta de intervenção. Os exemplos referenciados possuem características que se enquadram sobre os temas, no entanto, a intenção passa por realçar certos pontos que melhor se relacionem na adaptação do caso de estudo ao novo programa.

Preservação – onde se valoriza o edificado procurando preservar a sua identidade do mesmo modo que se inserem novos elementos que, em comunhão com a preexistência, mantenham a integridade do construído e não o desvirtuam. Neste contexto, a preexistência, para além de surgir como forma de representatividade, surge também como um elemento conformador de espaço. Esta forma de intervir procura manter o carácter da preexistência deixando à vista a sua forma e os principais espaços marcados pelas suas paredes portantes. Assim, tem-se em atenção alguns modos de abordagem que os Aires Mateus têm quando confrontados com preexistências que carecem de intervenção.

Um dos exemplos é o Colégio da Trindade em Coimbra (fig. 39), onde os arquitetos usaram o tempo como fator determinante para a decisão de preservar ou retirar elementos. Assim, aqueles que melhor resistiram ao tempo, ou seja, materiais que trabalham à compressão, eram mantidos em detrimento daqueles que trabalham à tração, que eram removidos e substituídos por outros materiais, propondo um novo efêmero para o edifício (Capela de Campos & Mourinho, 2019, p. 214).

Na casa de Azeitão (fig. 40) dos mesmos arquitetos, também foram aproveitadas as paredes exteriores espessas, que juntamente com as suas aberturas, foram usadas como ponto de partida para o projeto, servindo como limite exterior para a nova função do edifício (Trindade, 2010, pp. 34-35).

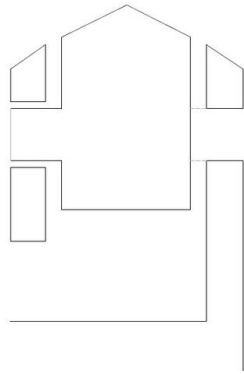


Figura 3937 - Corte esquemático do Colégio da Trindade, Aires Mateus.



Figura 4038 - Casa de Azeitão, Aires Mateus.

Adição - neste contexto existem várias possibilidades de adaptação do novo programa à preexistência. As adições, tanto podem consistir numa inclusão, onde a adição acontece na preexistência dentro dos seus limites físicos, como podem efetuar-se no exterior do edifício tendo por base a sua estrutura. Neste caso, para além da adição no interior da preexistência, estamos também perante uma adição feita por ampliação, onde não se respeitam os limites do preexistente na atribuição de um novo programa, alterando a sua composição formal, ainda que se perceba a sua leitura. Neste contexto a adição surge como um volume que, adicionado à preexistência, se destaca desta quer pela sua materialidade, quer pela sua forma, independentemente da sua proximidade com a mesma e, como tal, este conjunto passa a ter uma leitura diferente do original, com a alteração do seu limite, sendo necessário entender e interpretar esta nova organização volumétrica.

A obra de Souto Moura na pousada de Santa Maria do Bouro tornou-se num exemplo pela continuidade presente na relação do velho com o novo embora não seja realçada essa diferença. Nesta obra o novo programa não segue fielmente a matriz do mosteiro uma vez que este foi alvo de várias transformações ao longo do tempo, no entanto, Souto Moura recupera características dos espaços existentes, perceptível nas antigas celas, que ao serem transformadas em quartos com casa de banho, adiciona a estes espaços um volume mais baixo com as instalações sanitárias e arrumos, mantendo assim a escala original da cela dando a ideia de um volume dentro de um espaço. (Ferreira, 2016, p. 195)



Figura 39 – Fotografia e desenho do interior da cela transformada em quarto com casa de banho, pousada de Santa Maria do Bouro, Souto Moura.

No que toca a adições feitas fora do perímetro da preexistência, são referenciados três exemplos de obras que utilizam esta abordagem construtiva. Dois deles, nomeadamente a Casa e Quinta da Prelada de António Barbosa e a Casa Sommer de Paula Santos, utilizam um volume adicional exterior como meio de acesso ao preexistente. Já a Casa das Marinhas de Viana de Lima, utiliza o moinho existente como acesso ao novo volume e ligação entre os pisos. Aqui, apesar do antigo ter um papel oposto aos casos anterior do ponto de vista da função, importa realçar a influência da preexistência numa ampliação, onde o seu tamanho reduzido implicou que todo o programa se desenvolvesse na parte adicionada, no entanto, a sua importância é patente uma vez que funciona como corpo da entrada na casa e elemento de ligação entre os dois pisos, onde as escadas acompanham a forma cilíndrica do moinho. Nos exemplos anteriores, a Casa da figura 42 utiliza um volume adicionado composto por vidro, criando uma relação com o exterior, enquanto a casa da figura 43 é encerrado em si mesmo.



Figura 422 - Casa e Quinta da Prelada, António Barbosa.



Figura 41 - Casa Sommer, Paula Santos.



Figura 404 - Casa das Marinhas, Viana de Lima.

3.2. Sobre o conceito

Sobre estas influências, Álvaro Siza afirma, “são muitas, disso eu tenho a certeza, e de algumas nem sequer porventura terei consciência. Mas aquilo que fica, por fim, é uma malha subtil e complexa, não uma única obsessão limitativa. (...) O arquitecto trabalha manipulando a memória, disso não há dúvida, conscientemente, mas a maioria das vezes inconscientemente. O conhecimento, a informação, o estudo dos arquitectos e da história da arquitectura tendem ou devem tender a serem assimilados, até se perderem no inconsciente ou no subconsciente de cada um” (Martins, 2009, p. 135).

A primeira impressão do caso de estudo, trouxe à memória a Casa Amarela, localizada em Flims na Suíça e reabilitada por Valério Olgiati, devido à imagem que esta transmite pela forma como se apresenta aos transeuntes.

As opções de Olgiati para com a preexistência, conferiram à casa uma uniformização do volume. Entre elas interessa destacar para este trabalho, o acesso ao seu interior, em que Olgiati altera a entrada que antes era feita desde a rua, pela fachada Sul de forma centrada, para a fachada Este através de escadas que se destacam do volume pela diferenciação nos materiais utilizados. O tratamento dos vãos traz também uma maior importância à volumetria do edifício, uma vez que a posição recuada do vidro em relação ao plano da fachada em conjunto com a espessura das paredes, realçam a sua dimensão reduzida em relação ao volume. No que toca ao tratamento interior, importa realçar a criação de áreas com diferentes dimensões conforme a estereotomia utilizada no pavimento que varia seguindo a posição de um pilar descentralizado, resultando na criação de diferentes áreas dentro de um espaço comum (Travassos, 2013, pp. 81-83-84).



Figura 445 - Casa Amarela Valério Olgiati, vista geral.

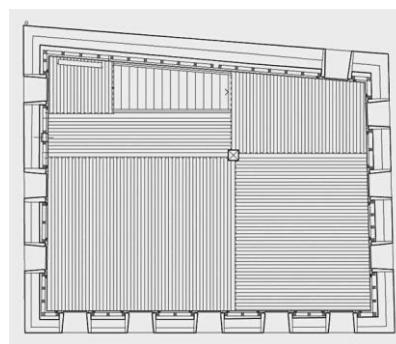


Figura 436 - Casa Amarela Valério Olgiati, planta.

A piscina de marés de Álvaro Siza, ainda que não seja fruto de uma reabilitação, foi implantada no local onde os elementos que o compõem possuem características distintas, sendo que importa para este trabalho a forma como o Arquiteto Álvaro Siza resolve a transição entre eles, num processo de continuidade. Nesta obra está presente o modo como Siza faz a transição entre a marginal e o mar através de uma estrita relação entre o corpo e a arquitetura. A criação de um percurso em ziguezague amplia a noção de pouca profundidade entre a estrada e a costa, suavizando a diferença de cotas entre o muro da marginal e o areal. Desta forma, ao estender longitudinalmente o percurso é também alterada a noção de tempo. Todo este aumento ajuda na transição progressiva entre os opostos num processo contínuo deixando para trás a agitação e o ruído presentes na marginal (Ramos, 2012, p. 91).



Figura 45 - Piscina de marés, Siza Vieira.

Referente ao caso de estudo, o abandono da antiga residência feminina de estudantes e a incapacidade de se adaptar a um novo uso, fez com que a sua degradação chamasse à atenção pela sua localização em relação ao Centro Histórico da cidade de Viana do Castelo.

A ideia de intervenção tem como mote a organização de um programa que se baseie na articulação entre o habitar e a produção artística, respeitando as características do edifício e associando-lhe novas premissas que funcionem em harmonia com a preexistência, ou seja, pretende-se que o projeto se adeque aos limites do espaço disponível e se adapte às necessidades da proposta. Assim, uma residência artística que funcione em prol da cidade podendo ser utilizada como ponto de partida para o Centro Histórico, tornou-se no fio condutor para o desenvolvimento da proposta de intervenção. Desta forma, procedeu-se à divisão do programa em três partes consoante a função do habitar, produzir e expor, criando uma relação com o edifício que por sua vez é dividido em três pisos, tornando este numa estrutura híbrida. Por um lado, procura-se criar

espaços protegidos destinados à intimidade, e por outro atribui-se à residência artística um carácter de abertura e relação com o público. Deste modo, a proposta procura dotar o edifício de forma que sirva de residência temporária aos artistas, reunindo ainda condições para o desenvolvimento dos seus trabalhos, assim como o convívio social e reuniões profissionais.

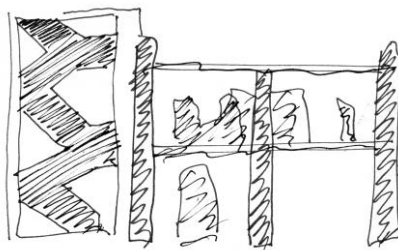


Figura 46 - Esquema sobre a intenção da proposta.

Como referido anteriormente, esta é uma zona com bastante movimento, de chegada à cidade e próxima à estação do caminho de ferro. Por sua vez, a proposta pretende ligar o edifício e o logradouro que o circunda com a cidade de Viana do Castelo. Para isso, é utilizada a adição de um volume através do qual é feita a entrada no edifício e a ligação entre os pisos, numa lógica de mediação entre o interior e o exterior, e de modo a conjugar as várias funções inerentes ao programa de residência artística. Assim, o novo volume torna-se no embrião da preexistência, cuja organização se desenvolve e organiza a partir da caixa de escadas. Tanto o novo volume como a intervenção no edifício, pretendem evidenciar a estrutura da preexistência, realçando a sua volumetria pelo exterior e os espaços interiores definidos pelas paredes portantes, de modo a tentar preservar a leitura original do caso de estudo.

Na interpretação dos Aires Mateus no Colégio da Trindade, onde a abordagem ao construído passou por determinar que tudo o que trabalha à compressão foi construído com o intuito de durar e é mantido, enquanto aquilo que está à tração acaba por cair tornando-se num momento efémero que será substituído por outro momento efémero e que poderá vir a ser substituído mais facilmente no futuro. Também neste, é depurado todo o seu interior e, perante as diversas características presentes nos espaços resultantes, como a sua dimensão, a orientação solar, a luz natural e a relação com a via pública, são enquadradas as novas funções. Através da espessura das paredes, do seu alinhamento e das suas aberturas, é desenhada a base da proposta de intervenção, sendo sempre o programa a adaptar-se a estes elementos. Esta intenção prende-se também na interpretação de que o edifício resulta da junção de 3 individualidades, o que atribui maior significado às paredes portantes.

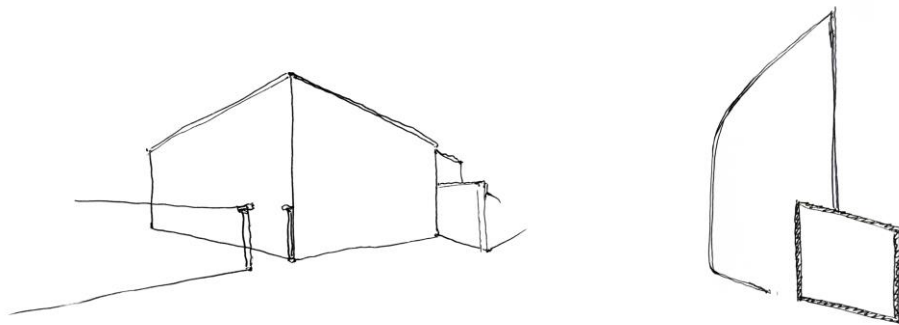


Figura 47 –Desenhos representativos da volumetria, e dos limites do caso de estudo.

4.3. Sobre o programa

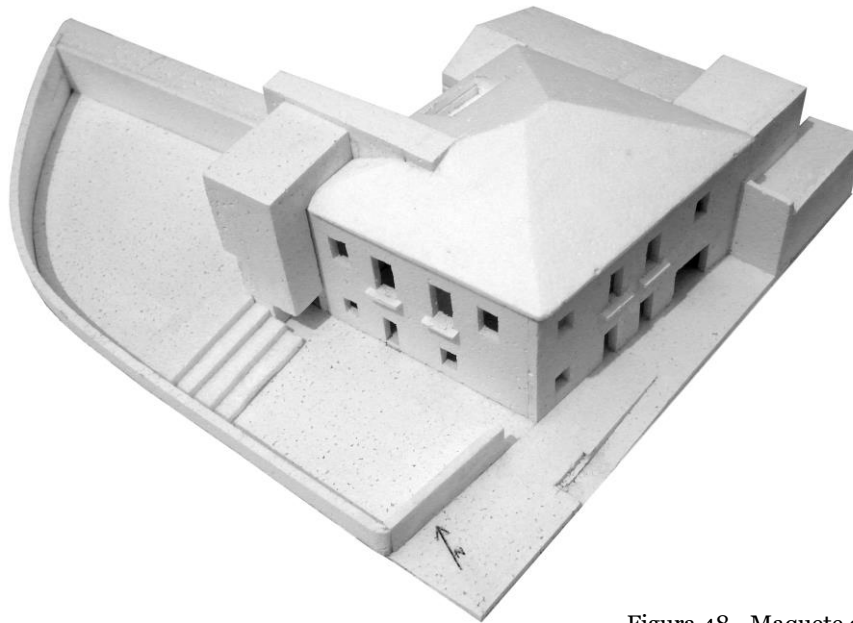


Figura 48 - Maquete da proposta.

Não havendo a definição do programa à priori, onde se estabelece a relação com o cliente e se enquadra a sua vontade com o lugar, tornou-se importante estabelecer uma relação proporcional entre o novo programa e a preexistência, tendo em conta as suas potencialidades. Assim, a elaboração do programa e a sua disposição tiveram como condicionantes as várias premissas contidas no edifício existente e no terreno envolvente, particularmente a partir dos seus limites. É através destes que se estabelece a dimensão do programa, tornando equilibrada a relação da preexistência com a nova função. Para além da sua proporção, sobressaem também a orientação dos seus alçados a relação com a via pública e a disposição e dimensão dos vãos, que por sua vez manipulam a relação com o exterior e com a obtenção da luz natural.

A proposta é definida para uma residência artística que conjuga a função do habitar, com uma área de exposições e espaços de projeto. Estas três funções são assim divididas por piso e, embora possa haver mistura de funções em cada piso, estes têm uma função predominante associada a cada um. São ainda trabalhados os espaços exteriores de modo a relacionar o caso de estudo com a sua envolvente.

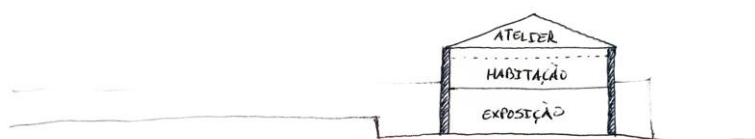


Figura 49 - Esquema sobre a distribuição funcional da proposta.

Área exterior

No tratamento da área exterior, propõe-se trabalhar não só o logradouro como também intervir no espaço público de modo a relacionar o edifício com a cidade. Desta forma é criada uma plataforma no espaço entre o edifício e a Av. Do Conde da Carreira, no confronto deste com a avenida, onde atualmente existem canteiros inclinados. Deste modo, é trabalhado o momento de entrada no edifício ainda no espaço público pelo lado sul, procurando criar um distanciamento entre o construído e o conflito do trânsito automóvel. Assim, agrupam-se as três portas do piso térreo orientadas a Sul, atribuindo uma base nivelada a este alçado, ganhando proeminência na forma como o edifício toca o chão. Na plataforma é criado um negativo alinhado com o acesso à caixa (fig. 53) de escadas, começando aqui o percurso de entrada.

Já dentro dos limites do caso de estudo, a área exterior ao edifício é destinada também à produção e exposição artística e, uma vez que a divisão do logradouro em dois patamares lhe atribui caracteres distintos, é utilizado o patamar inferior como anfiteatro e o superior como uma zona mais intimista.

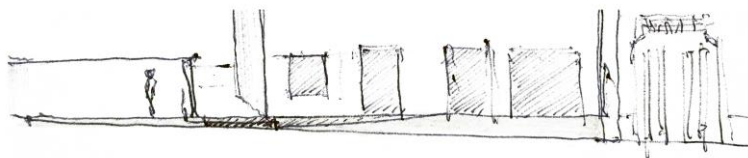


Figura 50 – Plataforma de acesso ao edifício, lado Sul.

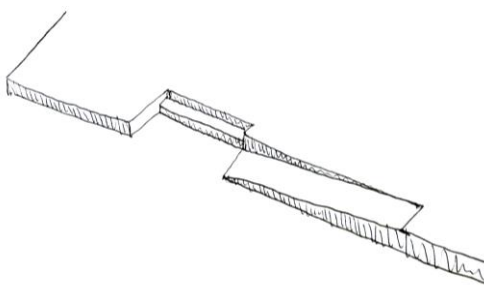


Figura 51 - Plataforma de acesso ao edifício, axonometria.

A Norte do edifício onde existia a ligação do piso térreo e do primeiro piso com o logradouro, este último através de umas escadas, passa agora a ser o ponto de ligação entre o interior do edifício e o seu exterior através da criação de um volume de escadas, como uma extensão à preexistência. No alinhamento deste este volume é desenhada a bancada do anfiteatro que utiliza o patamar inferior virado para a Avenida do Conde da Carreira. Este volume, contendor de uma caixa de escadas e elevador, serve como comunicação vertical tornando-se o elemento mediador na transição entre os vários pisos e, sendo um elemento exterior à preexistência, confere independência a cada piso. Esta opção pretende assim criar um momento de entrada no edifício, tornando-se o elo de ligação entre o exterior e o interior, relacionando a preexistência com o logradouro e com a cidade. Esta relação é acentuada na criação de um terraço no topo da caixa de escadas, um espaço aberto que pretende potenciar a vista sobre os telhados do centro histórico, (fig. 55) ajudando a que a residência artística não se encerre em si mesma.

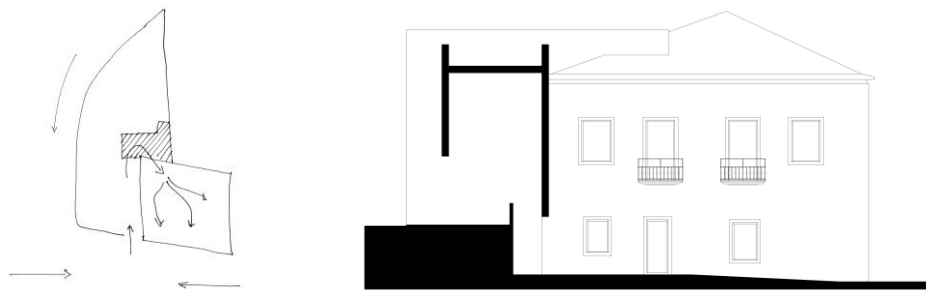


Figura 52 - Desenho e corte representativos da proposta para a entrada no edifício.

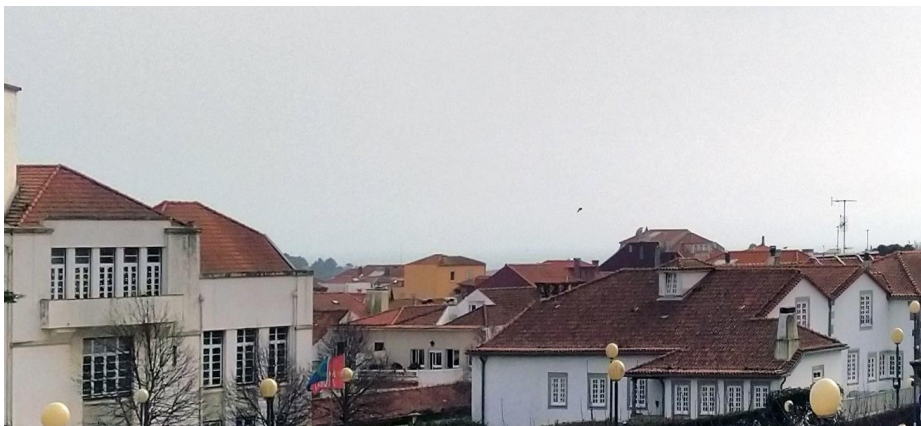


Figura 53 - Vista sobre o edificado do Centro Histórico.

Na relação do novo com o antigo, é deixada uma pequena distância entre o volume das escadas e a preexistência fazendo com que apenas se toquem pontualmente nos acessos aos pisos. Pretende-se assim diferenciar o passado do presente, reforçando a ideia na utilização de materiais diferentes, em que o corpo novo utiliza uma estrutura de betão armado revestida com lajetas de granito, um material característico da própria região.

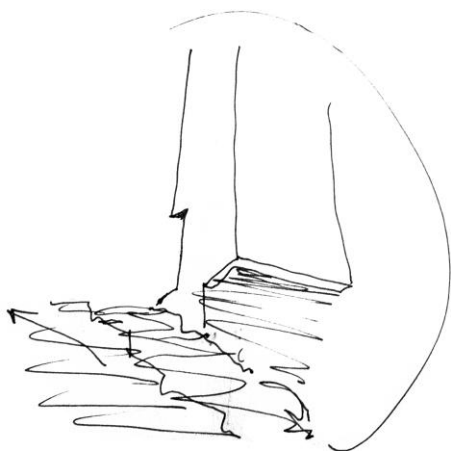


Figura 54 - Entrada na caixa de escadas.

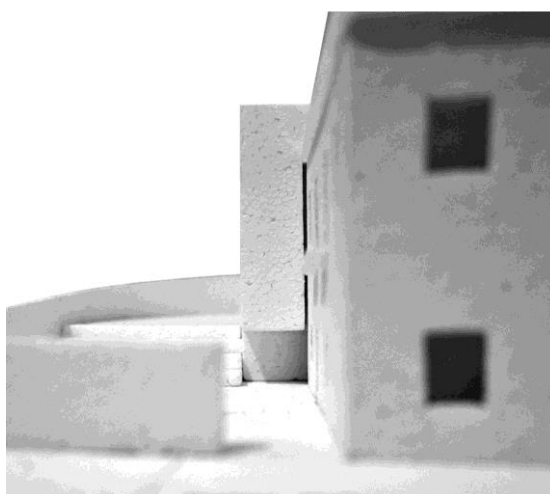


Figura 55 - Percurso de acesso à caixa de escadas.

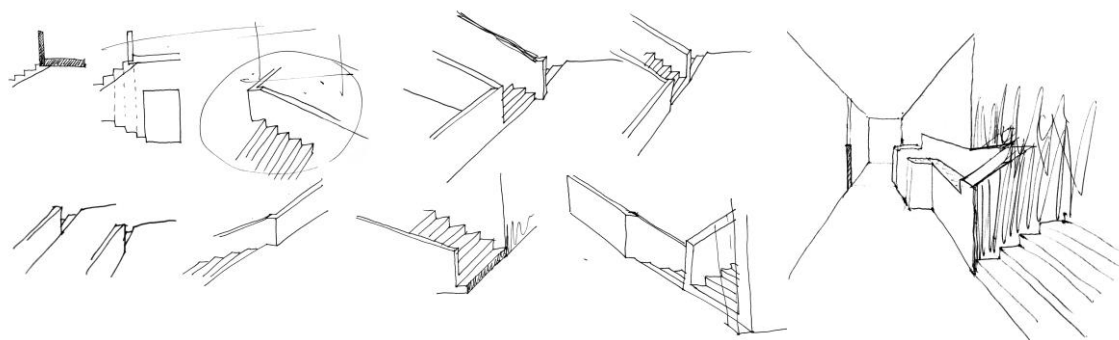


Figura 56 – Desenhos do desenvolvimento da caixa de escadas.

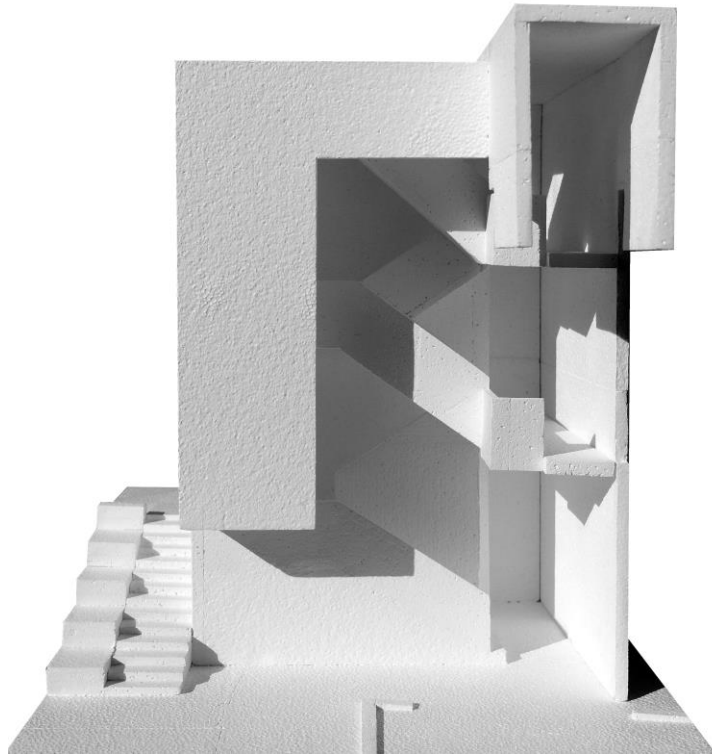


Figura 58 - Lado Sul da caixa de escadas, maquete.

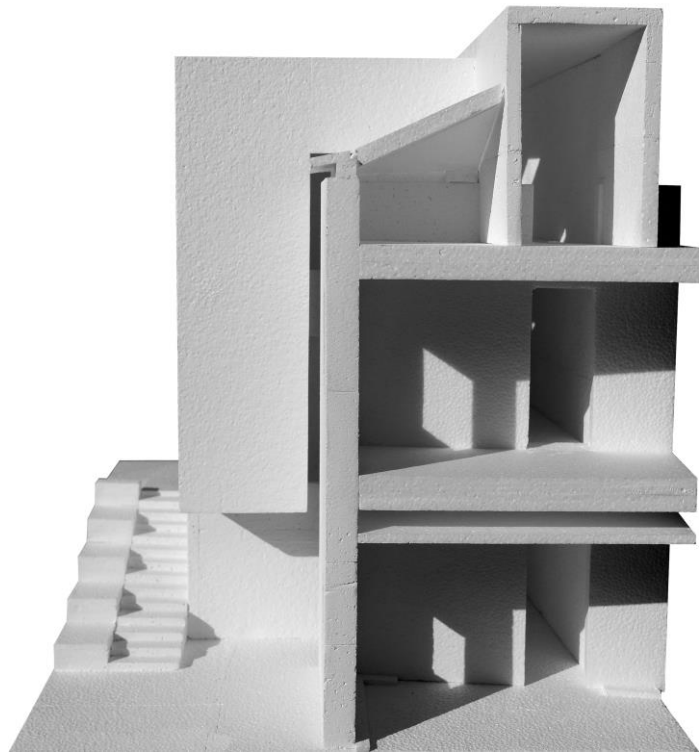


Figura 57 - Relação da caixa de escadas com a preexistência, maquete.

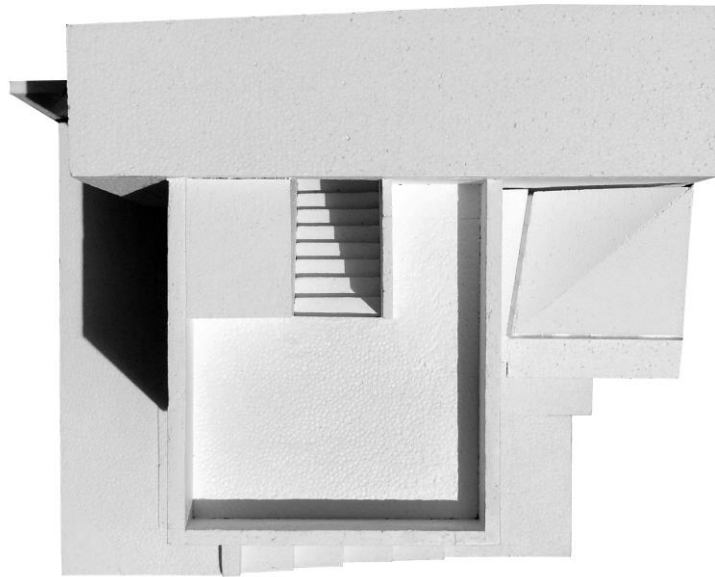


Figura 601 - Terraço da caixa de escadas, maquete.

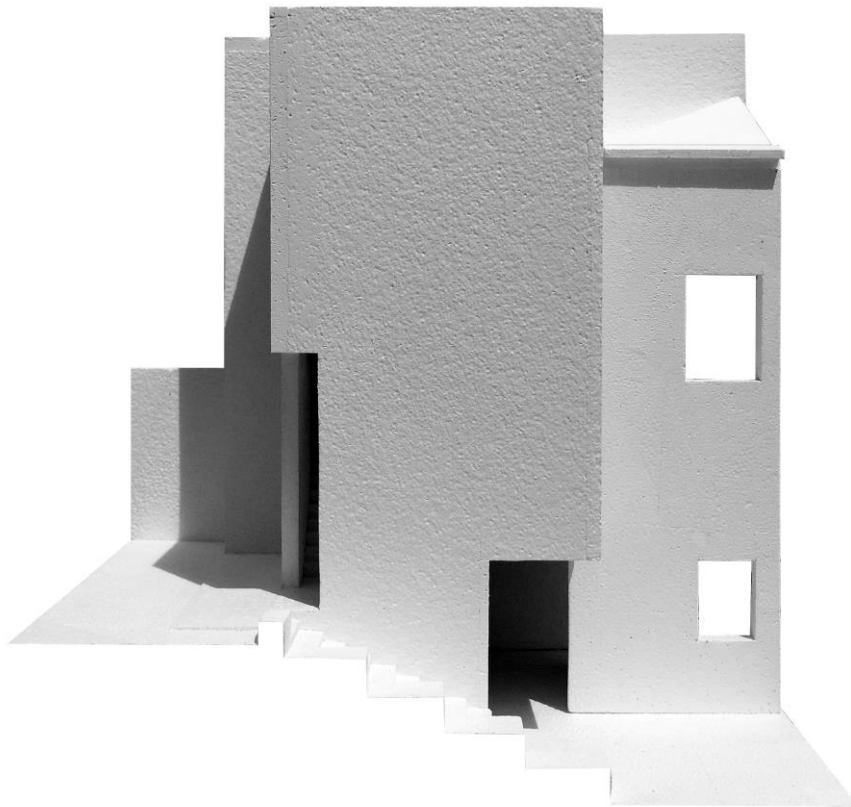


Figura 592 - Lado poente da caixa de escadas, maquete.

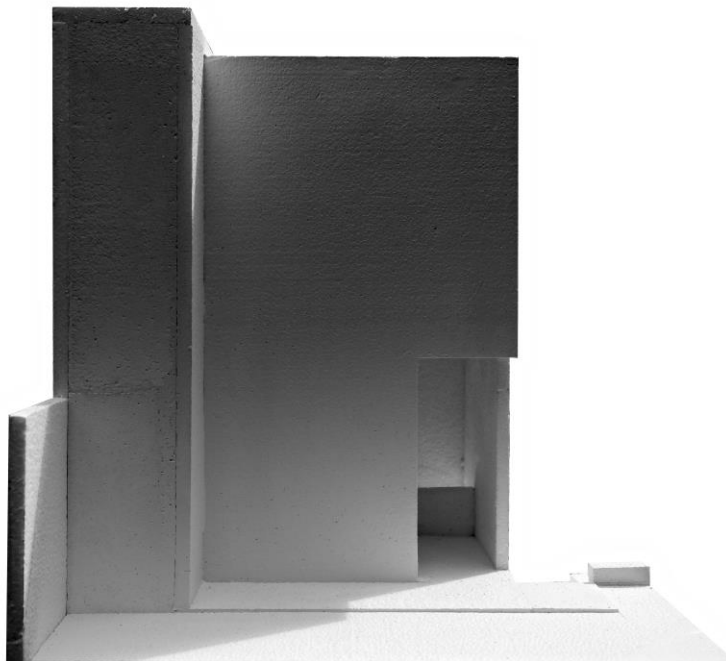


Figura 613 - Lado Norte da caixa de escadas, maquete.

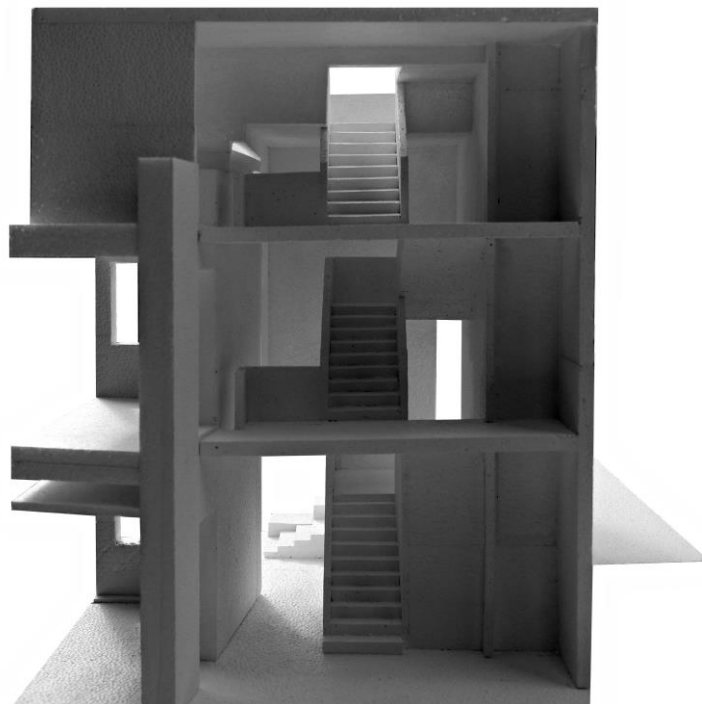


Figura 624 - Interior da caixa de escadas, visto pelo lado nascente, maquete.

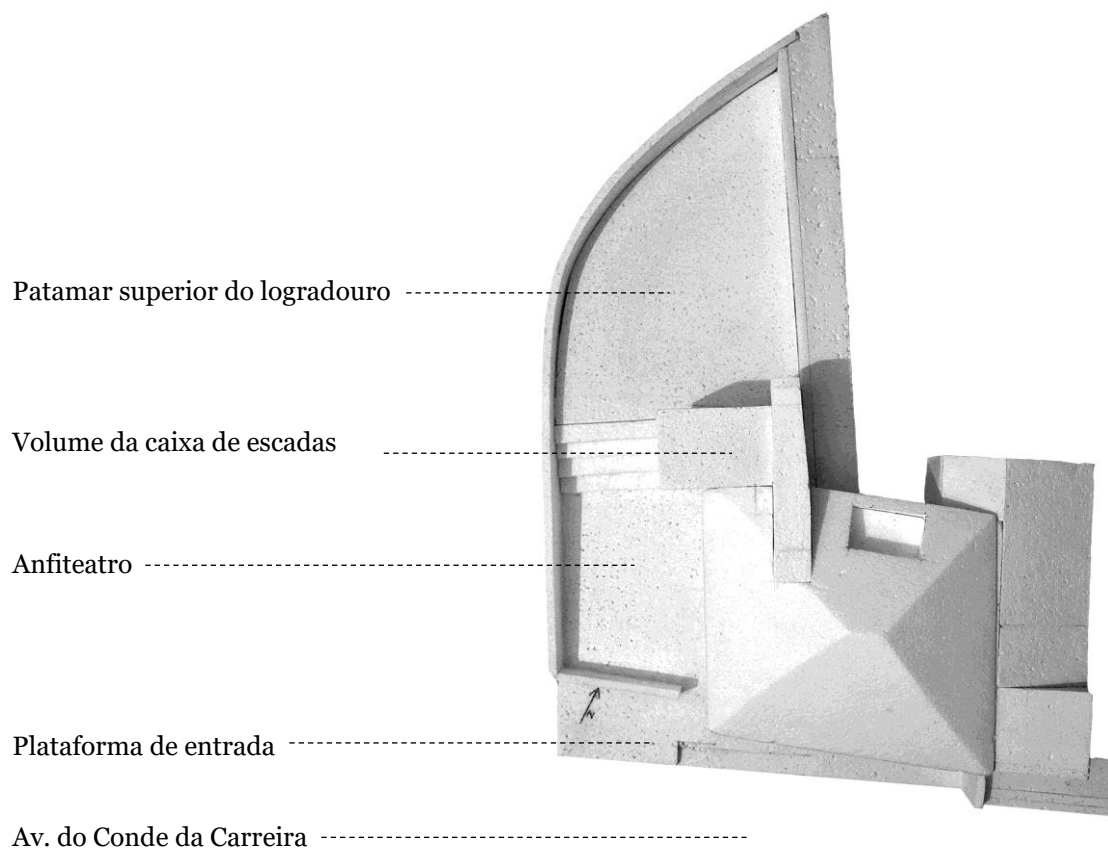


Figura 63 - Maquete, cobertura.

Piso térreo

Este piso, constituído por áreas expositivas, funciona como um chamariz pela sua proximidade com o público. Após a sua depuração, da qual resultam quatro espaços definidos pelas paredes portantes, é feita uma intervenção mínima conferindo aos espaços, maior flexibilidade. Desta forma, são mantidos os espaços com exceção para o lado nascente, na zona com menos luz natural, onde é criado um volume com casas de banho de apoio e área técnica. Neste piso pretende-se também uma clara relação com o exterior havendo uma ligação direta com a plataforma que antecede a entrada e o anfiteatro, assim existe um extravasar das paredes prolongando o piso térreo para o exterior do edifício. A entrada no piso acontece no espaço orientado a Norte através do volume da caixa de escadas, e o percurso neste é feito atravessando as salas valorizando a ideia de permeabilidade. Para vencer o desnível presente neste piso é criada uma rampa que auxilie o acesso a pessoas com mobilidade reduzida. sendo mantida a ideia original do desnível deste piso.

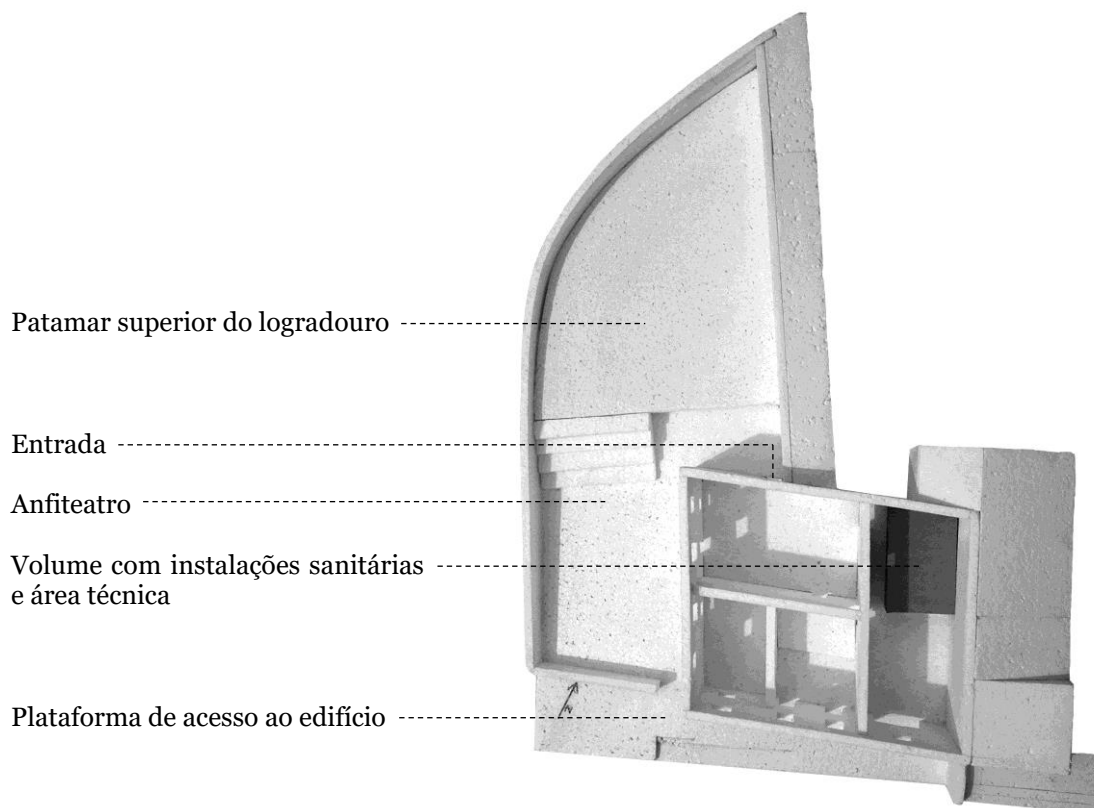


Figura 64 – Maquete, piso térreo.

Primeiro piso

No primeiro piso encontram-se as zonas sociais e privadas ligadas à função habitacional, e como tal reduz-se o pé-direito 57 cm ficando com 2,65 m. Esta redução confere ao piso uma escala doméstica e possibilita o aumento da altura no último piso.

A entrada é efetuada pela caixa de escadas diretamente para a zona social, um espaço subdividido numa área de estar e de refeições, havendo ainda uma ligação direta com um *atelier* no lado nascente numa lógica de interação e partilha entre os diferentes espaços. No lado oposto à entrada, encontram-se quatro quartos orientados a Sul e, na mediação entre os espaços sociais e privados, estão três instalações sanitárias, uma delas com dimensões para receber cadeira de rodas. Estas, dentro de volumes, marcam a transição entre as áreas sociais e os quartos. A criação de um *atelier* neste piso visa não só articular a habitação com a produção artística, como também possibilitar às pessoas com dificuldade de locomoção terem um espaço onde possam trabalhar perto do quarto e de uma casa de banho.

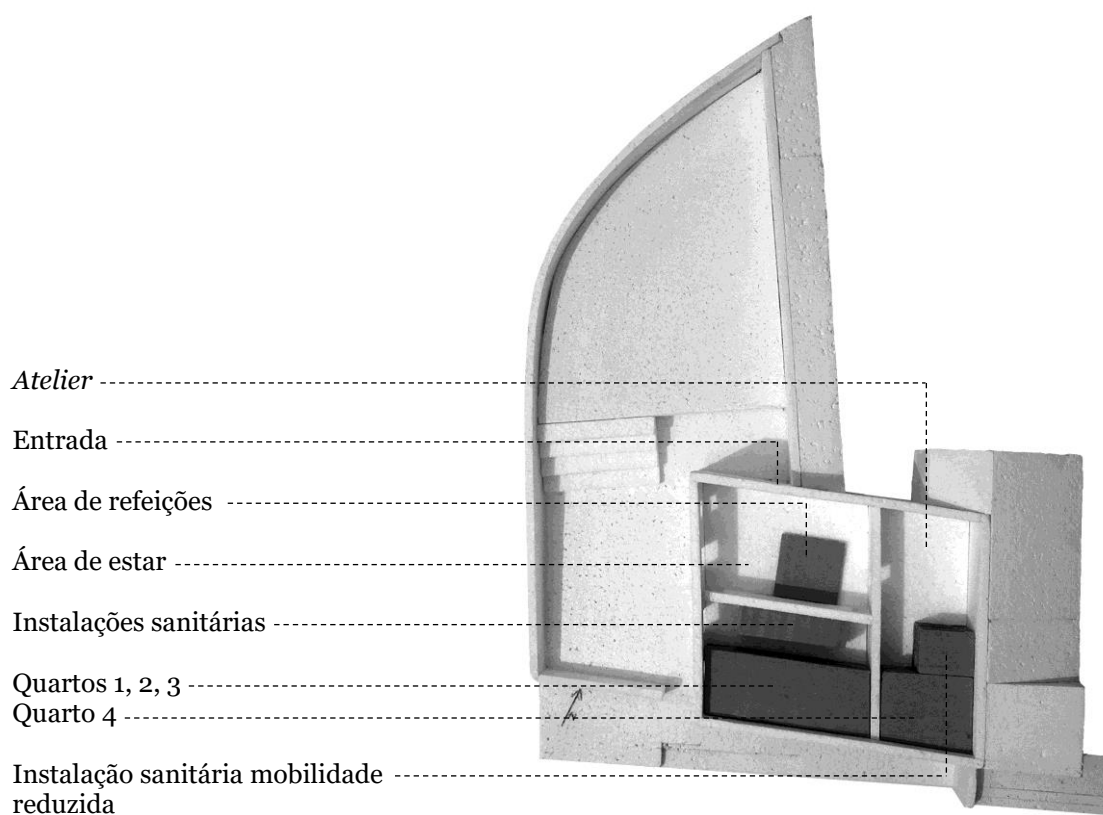


Figura 65 – Maquete, primeiro piso.

Segundo piso

O último piso destina-se a uma sala polivalente com uma casa de banho de apoio. A sala é iluminada por um vão que dá acesso a uma terraço orientada a Norte e ao relacionar-se com o exterior funciona como zona de contemplação. O acesso a este piso é feito através do prolongamento da caixa de escadas para o seu interior, proporcionando a ideia de que a intervenção esteja a perfurar o telhado. Neste piso utilizou-se como referência a casa amarela de Olgiati, onde existe uma liberdade de ocupação do espaço.

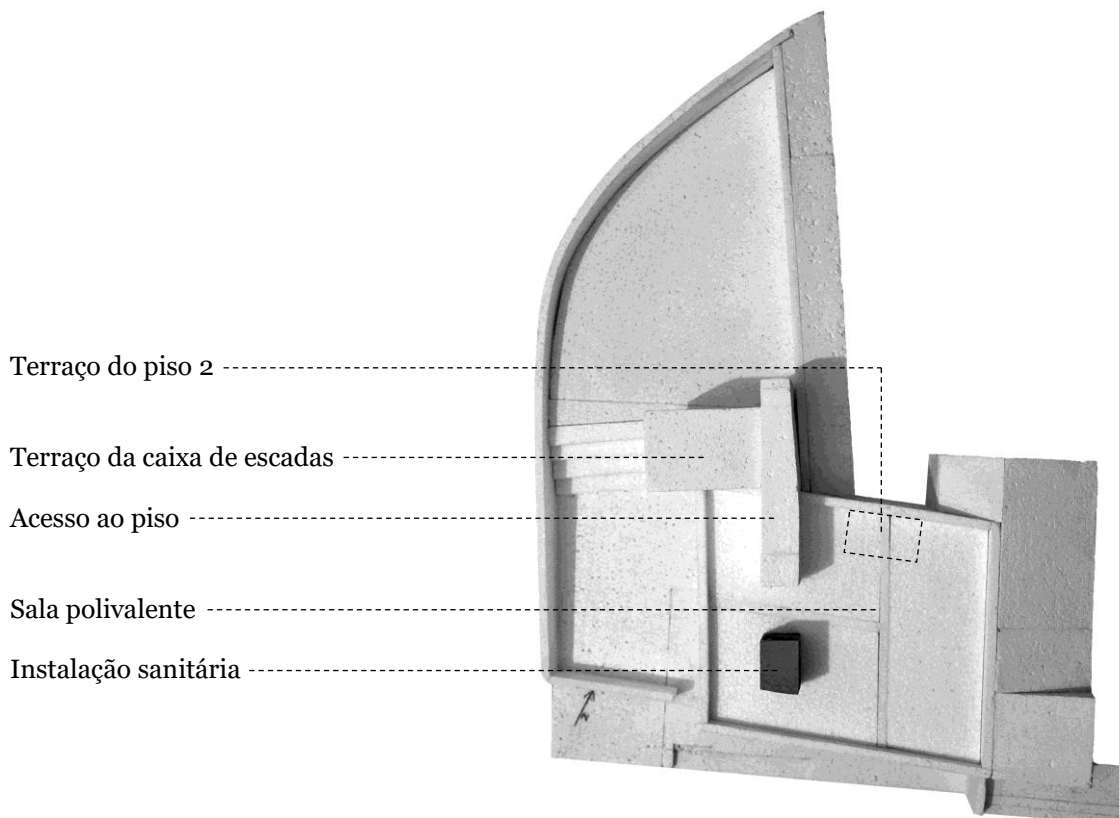


Figura 66 – Maquete, segundo piso.

4.4. Sobre a construção

Cobertura

Telha lusa

Caleira em zinco

Bica e capa de beirado lusa

Estrutura em perfis IPN 140

Piso 2

Perfil HEB 200

Armários em contraplacado lacado a branco

Volume de instalação sanitária em gesso cartonado

Piso 1

Armários em contraplacado lacado a branco

Volume de instalações sanitárias em gesso cartonado

Paredes divisórias em gesso cartonado

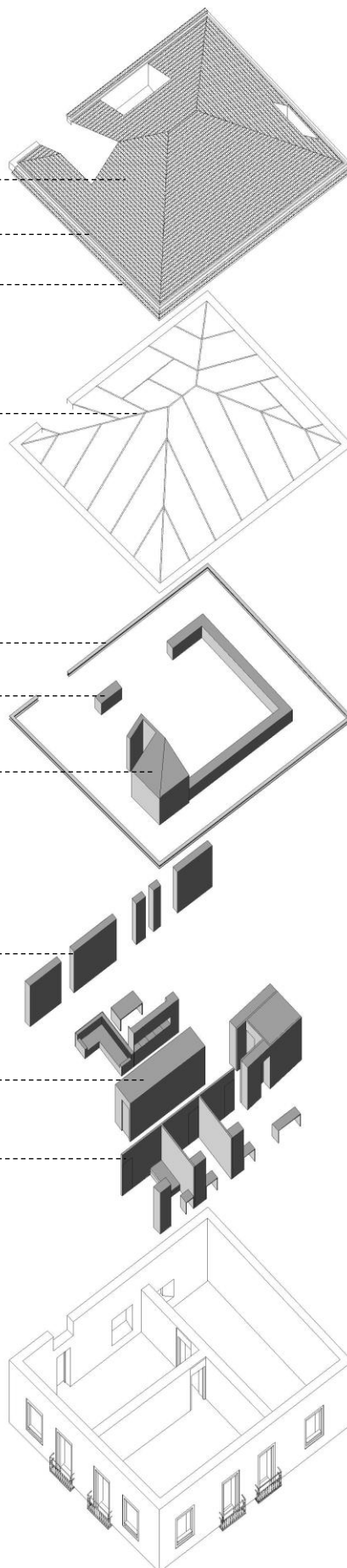
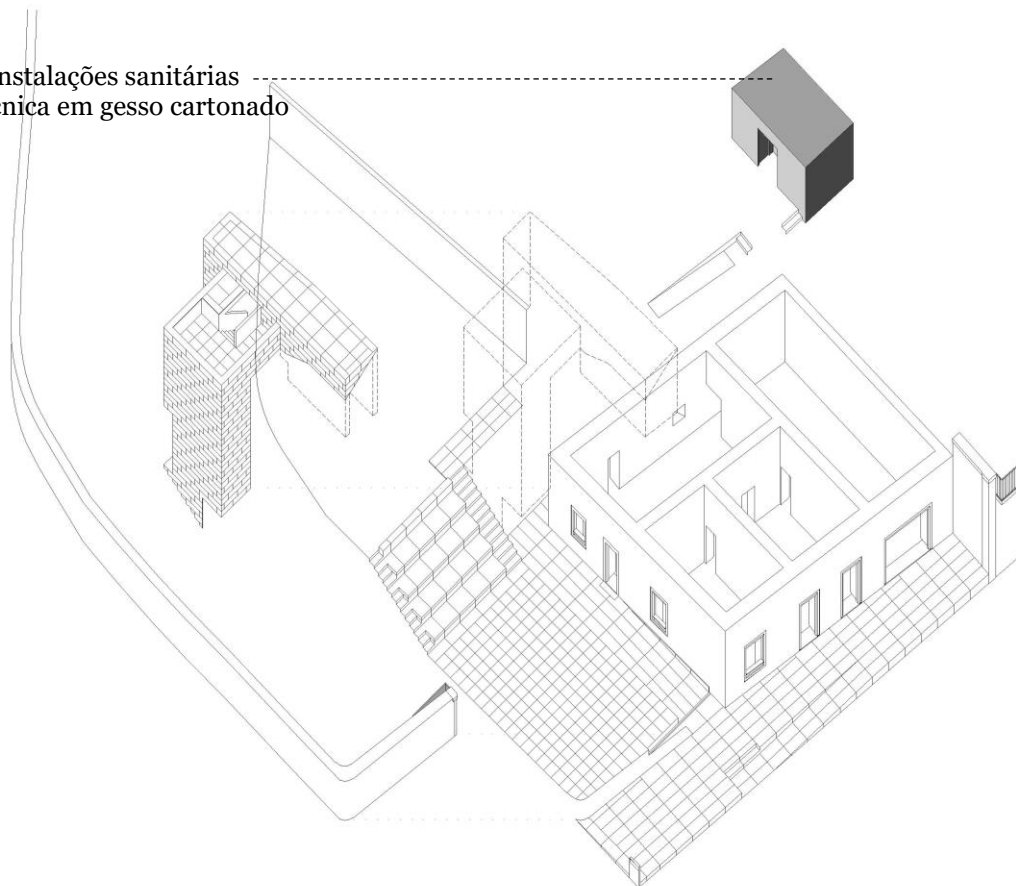


Figura 67 - Axonometria representativa dos elementos adicionados à preexistência.

Piso 0

Volume instalações sanitárias
e área técnica em gesso cartonado



Espaço exterior

Volume da caixa de escadas
revestido com lajetas de granito

Bancada em peças de granito

Pavimentos exteriores em lajetas
de granito

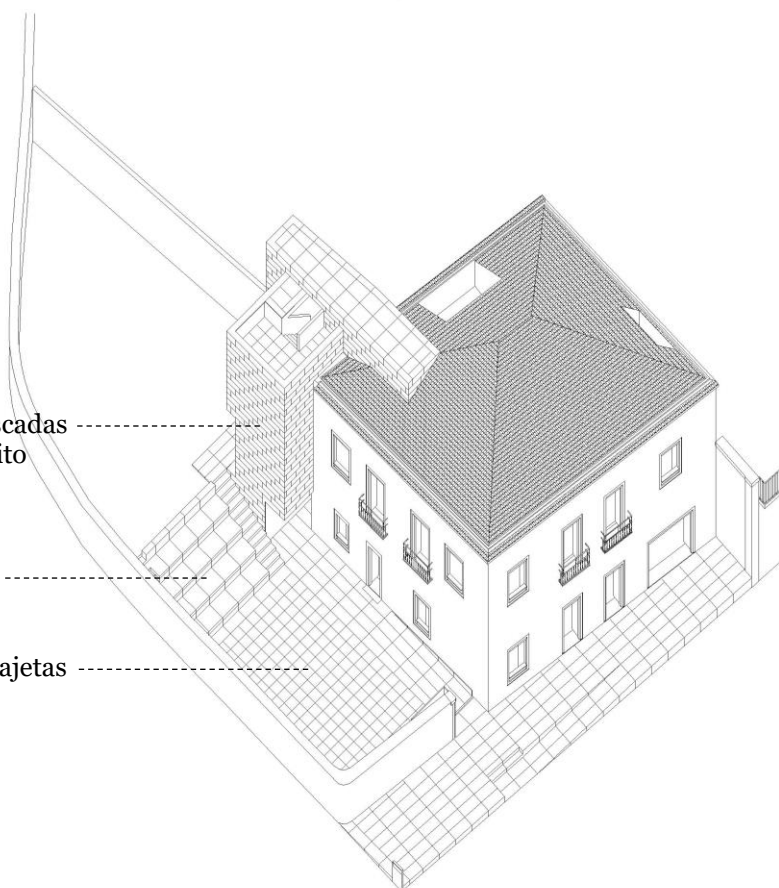


Figura 68 – Continuação da axonometria representativa dos elementos adicionados à preexistência.

Nas soluções construtivas adotadas é realçada a ideia do edifício como um todo fazendo com que cada solução utilizada faça parte dos três pisos com as devidas adaptações. Desta forma, com a análise feita anteriormente, são decididos os elementos a manter, conciliando os componentes antigos com os novos sistemas de infraestruturas, permitindo assim um desempenho eficiente comparativamente ao das ocupações anteriores. Tendo em conta a ideia de intervir com base numa construção efémera, pretende-se, com relação ao PPCHVC, preservar o carácter da preexistência na escolha de materiais a utilizar. Por fim, como forma de integrar a imagem exterior da intervenção no CH, fazendo com que esta não se torne um elemento dissonante, optou-se pela utilização do granito serrado.

Sistema estrutural

As paredes estruturais do caso de estudo, como referido na análise, são de alvenaria de granito revestidas com reboco. A sua durabilidade e o seu peso na definição da volumetria e dos espaços interiores determinaram a sua manutenção, e é nestas que prevalece o grosso da parte estrutural. Pelo contrário, os pisos com estrutura de madeira, pela sua degradação e pelo seu caráter efémero, são substituídos por lajes de betão armado. Aqui, interpretam-se as lajes como elementos essenciais para a vida do edifício, tornando-as parte mais duradoura e resistente à imagem das paredes estruturais. A flexibilidade do betão armado feito no local proporciona uma boa adaptação à preexistência, conferindo-lhe um bom travamento, uma vez que cada laje funciona como uma só peça. As lajes são com 30 cm de espessura agarradas à construção através de chumbadouros galvanizados, presos com bucha química, como forma de descarregar as forças sobre as paredes estruturais do edifício.

Para dar continuidade ao betão armado utilizado nas lajes, optou-se por realizar a estrutura do novo volume da caixa de escadas e da bancada do anfiteatro no mesmo material. Esta opção prende-se no objetivo de que o novo volume se perceba como uma unidade deixando à vista no seu interior o betão aparente e pela facilidade na abertura de vãos uma vez que parte do volume se encontra em consola.

Como forma de dar maior amplitude ao último piso, utilizou-se a estrutura em aço para sustentar a cobertura, conferindo um maior vão através de uma estrutura mais fina, preservando a forma de quatro águas e descarregando o seu peso para as paredes perimetrais. As forças horizontais, provocadas pelas diagonais da cobertura, constituídas

por perfis IPN 140 sobre as paredes, habitualmente contrariadas com a *linha* da asna, são contidas por um perfil HEB 200, perimetral, que serve como cinta sobre as paredes exteriores. Esta opção realça o remate das fachadas com a cobertura, originalmente feita por uma cornija em betão de pequenas dimensões, e atribui maior destaque à separação entre o novo e o existente através do negativo do perfil, que pelo jogo de luz sombra enfatiza a separação dando a ideia de que a cobertura não toca a casa.



Figura 69 - Exemplo de remate de beirado assente em perfil metálico.

Coberturas

Conforme o PPCH, a cobertura é revestida “*com elementos cerâmicos à cor natural*” (artigo 28º ponto 3), e os beirados são “*mantidos como solução de remate*” (artigo 29º ponto 1). Desta forma a cobertura é constituída por várias camadas sobre a estrutura a estrutura que a suporta, entre elas, o isolamento térmico XPS de 6 cm, seguidamente a subtelha e a ripa metálica onde assenta a telha lusa. O beirado constitui-se por bica e capa de beirado lusa assente no perfil HEB 200, sendo separado do resto da cobertura por um rufo e uma caleira em zinco.

O terraço no último piso e a zona para a colocação dos motores de ar condicionado, derivam de supressões feitas na cobertura, com uma inclinação de 2% para a saída das águas pluviais. Os vários constituintes acima da laje são formados por uma camada de forma em betonilha leve, uma camada de regularização, uma tela de impermeabilização, uma manta geotêxtil, e um contra ripado e ripado de madeira onde assenta um deck.

O volume da caixa de escadas possui a sua cobertura forrada com lajetas de granito, sendo utilizado o mesmo tipo de impermeabilização do terraço do piso 2 com exceção para o acabamento, que neste caso utiliza o granito à vista. No entanto, no terraço da caixa de escadas é utilizada uma lajeta de betão de 4 cm com malhasol acima da impermeabilização, onde são coladas as lajetas de granito. Na área não percorrível, o granito é apenas colocado sobre apoios reguláveis em PVC.

Carpintaria e serralharia

Todas as peças de carpintaria são desenhadas à medida uma vez que assumem um papel preponderante na proposta. De entre os vários elementos em madeira estão os pavimentos em soalho, os caixilhos exteriores, as portas interiores, os armários de apoio aos vários espaços e o forro do teto no último piso. Com exceção para os soalhos e os caixilhos, que são em madeira maciça, todos os outros elementos são em contraplacado lacado a branco como forma de homogeneizar os espaços, com o critério de que todos os elementos verticais e os tetos sejam brancos, dissimulando as portas e os armários nas paredes para que se leia cada espaço como um todo. Por sua vez, o mobiliário solto será em carvalho à imagem dos pavimentos.

Os armários, são de apoio aos vários espaços do piso 1 e 2, nomeadamente, a zona de estar e de refeições, os quartos e os *ateliers*. A utilização do contraplacado prende-se por este apresentar uma boa resistência à fissuração, aos choques e à humidade mantendo a sua solidez. A sua aplicação varia conforme o tipo de resistência pretendida nos vários elementos. As portas interiores, que são um elemento mais sujeito ao uso, são feitas com uma espessura de 35 mm, enquanto os armários são feitos em contraplacado menos espesso. No último piso, o teto é forrado com contraplacado de 21 mm, encaixado entre os perfis IPN de suporte à cobertura (fig. 72).

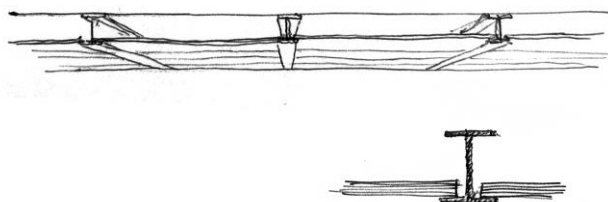


Figura 70 – Representação da constituição do teto falso do último piso, com encaixe das placas de contraplacado na estrutura.

No tratamento dos vãos opta-se por uma tecnologia mais eficiente, através da utilização de superfícies envidraçadas de vidro duplo com as caixilharias finas, encastradas em parte na cantaria de pedra. Neste sentido, com esta proposta, pretende-se destacar a intervenção da preexistência ao intervir nos vãos de forma silenciosa retirando-lhes a ornamentação. Este sistema construtivo abrange todo o edifício com exceção para o vão de acesso ao terraço no último piso, em que se utiliza caixilharia em alumínio pela sua resistência e durabilidade. Para além dos elementos em aço utilizados estruturalmente,

recorre-se a uma chapa laminada com 5mm de espessura para rematar as ombreiras e padieiras dos vãos exteriores (fig. 73). Esta estrutura cobre as camadas existentes que compõem as paredes, nomeadamente, a alvenaria de pedra, a caixa de ar com isolamento térmico e o revestimento interior, evitando assim as pontes térmicas. Nesta peça é criado um negativo onde são encastrados black outs nos lados Sul e poente para proteger do sol.

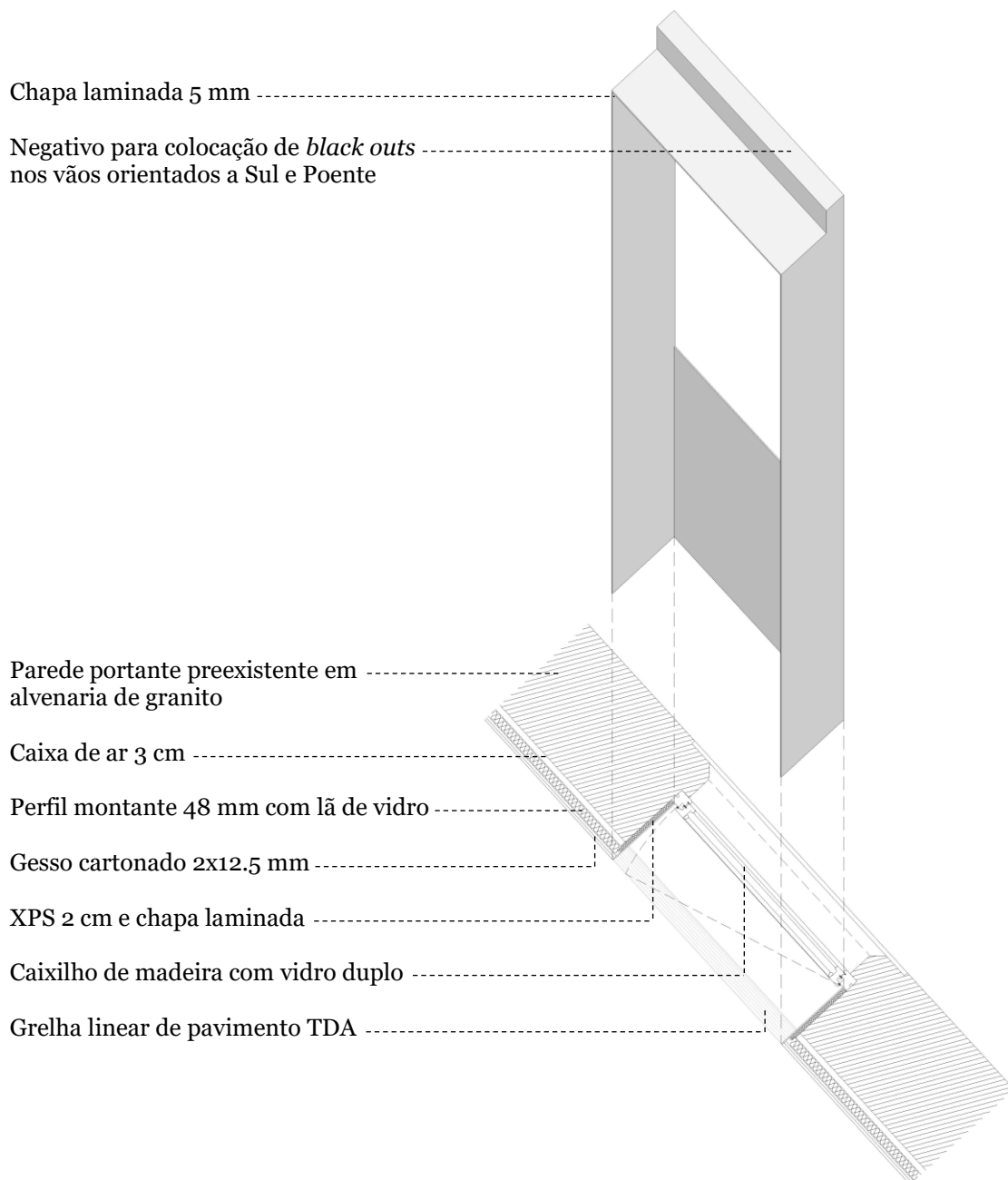


Figura 71 - Secção de planta com remate em vão de janela.

Instalações sanitárias e infraestruturas

A intenção de tornar cada piso o mais autónomo possível levou a distribuir instalações sanitárias nos três níveis do edifício, cada uma com a sua função. E devido ao seu carácter privado, estas apresentam-se como volumes autónomos dentro dos espaços.

A sua construção é semelhante entre todas as instalações sanitárias, com exceção para as coletivas, onde são criadas cabines em placas de contraplacado com 30 mm, lacado a branco, para privar os espaços das sanitas. Os lavatórios são redondos de encastrar por baixo de uma pedra mármore com 40 mm de espessura, o mesmo tipo de pedra utilizado nos pavimentos. Nas três casas de banho do piso 1, a base de chuveiro é feita também com o próprio mármore, sendo a proteção dos salpicos feita com um painel de vidro. A proteção das paredes é feita até aos 90 cm de altura através de rodapé com 2,5 cm de espessura em mármore igual ao pavimento.

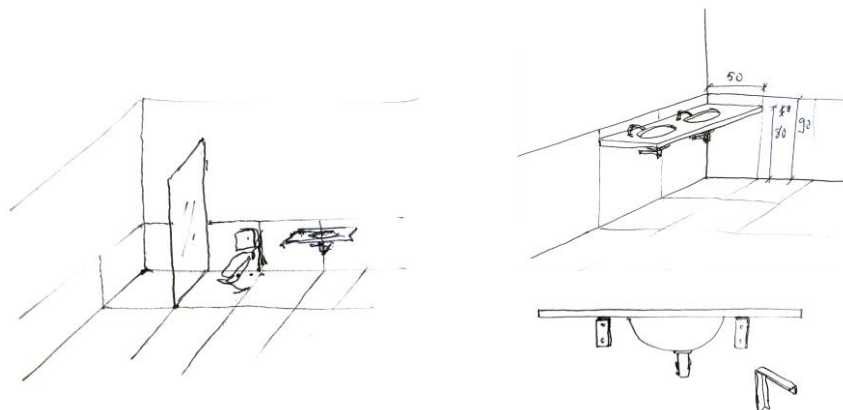


Figura 72 - Desenhos de elementos que compõem as instalações sanitárias.

A rede de esgotos e as condutas de ar condicionado circulam no sentido descendente, os primeiros pela gravidade, e o ar condicionado pela localização dos seus motores num negativo na cobertura, e o abastecimento de água é feito no sentido ascendente. Ambos são conduzidos verticalmente até à primeira laje por coretes que depois são distribuídos horizontalmente no teto falso com 30 cm livres. Deste modo, o aquecimento e arrefecimento dos dois primeiros pisos deriva da mesma rede horizontal projetando o ar no alinhamento dos vãos, sendo que no piso 0 por grelhas embutidas no teto e no primeiro piso por grelhas lineares de pavimento TDA.

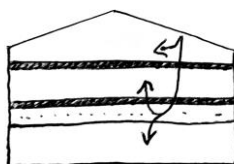


Figura 73 - Esquema representativo da distribuição do ar condicionado.

Acabamentos

Os revestimentos exteriores, tanto da preexistência como do novo volume, vão de encontro à aparência geral do CH. No corpo existente são realizados trabalhos de manutenção, através do restauro das falhas no reboco e da sua pintura em branco. No novo volume e no pavimento dos espaços exteriores é utilizado o granito serrado, numa interpretação de um material bastante ligado ao Norte de Portugal que percorre as ruas do CHVC. No revestimento do novo volume, são utilizadas lajetas de granito serrado com 3 cm de espessura tanto nas suas fachadas como na cobertura, e apesar da utilização do mesmo material, a sua aplicação varia conforme o contexto. Enquanto as fachadas são ventiladas e possuem as lajetas ancoradas por cavilhas, no terraço por ser percorrível, estas são fixas, sendo no resto da cobertura colocadas em apoios reguláveis.

Os pavimentos que envolvem o espaço do anfiteatro e da plataforma à frente do edifício, são em lajetas de granito com 5 cm de espessura assentes em betão. Estas, confrontam diretamente com o edifício e com o muro, que por sua vez, na beira da plataforma e nos degraus de acesso a esta, são utilizados blocos maciços como solução de remate. A bancada e as escadas do anfiteatro são também elas em blocos maciços assentes numa estrutura de betão com a qual é dada à priori a forma da bancada.



Figura 74 - Fotomontagem do alçado poente, proposta.

No interior da caixa de escadas pretende-se que haja uma forte relação com o exterior, deixando o betão estrutural aparente sem qualquer revestimento, atribuindo à caixa de escadas um carácter frio e, nos pavimentos e nos cobertores dos degraus é utilizado o mesmo granito serrado aludindo a um prolongar do exterior para o interior do volume da caixa de escadas.

Pelo interior do edifício, as paredes pré-existentes que confinam com o exterior, são forradas com gesso cartonado com acabamento branco de forma a criar uma caixa de ar, atribuindo ao edifício isolamento térmico e acústico com auxílio à lã de vidro. Por sua vez nas paredes pré-existentes interiores é mantido o acabamento em reboco pintado de branco. Os tetos falsos dos dois primeiros pisos, e as paredes divisórias criadas de novo, são todas elas forradas com lã de vidro e gesso cartonado com acabamento branco, com exceção às instalações sanitárias, que são revestidas com um rodapé em mármore até aos 90 cm de altura. Os tetos do último piso são em contraplacado lacado a branco. A cor branca no interior é utilizada como forma de refletir a luz dando amplitude aos espaços.

Como forma de unificar o edifício, são utilizados os mesmos tipos de pavimento nos três pisos. O soalho em carvalho, com sistema de macho e fêmea, abrange a maior parte da área dos pisos do edifício, com exceção para as instalações sanitárias e cozinha, nestas é utilizado o mármore. A zona de refeições, sendo ela num espaço híbrido, é importante a utilização do mármore, tanto pela sua maior resistência à água, como marcação do espaço através do pavimento. O mármore material abrange também o balcão e o revestimento da parede entre o balcão e o armário superior. A ideia de definir a transição entre as várias zonas é utilizada também através das soleiras dos vãos das paredes estruturais interiores, essa transição é marcada através das soleiras de granito, que por sua vez rematam os soalhos que possuem orientações diferentes em cada espaço. Neste sentido, o processo construtivo assume os pavimentos como uma unidade, sendo executadas por cima destes, as paredes divisórias, estas numa construção efémera realizada a seco. Como remate das paredes com os pavimentos, é utilizada um perfil cantoneira em alumínio de 2,5x3 cm que não deixa o gesso cartonado tocar no soalho.

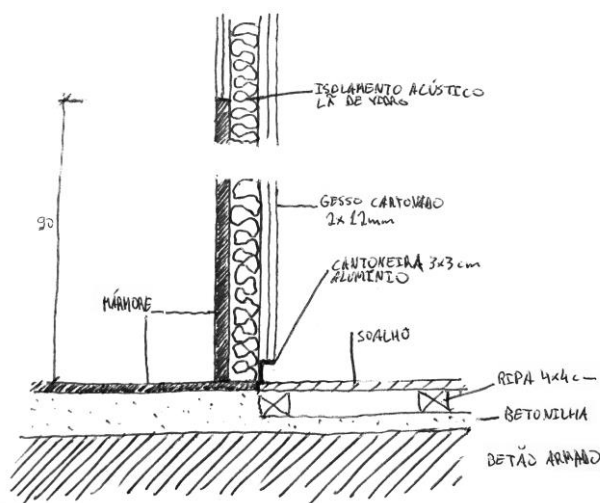


Figura 75 – Desenho do remate entre os pavimentos e as paredes.

Os acabamentos utilizados privilegiam o lado sensorial onde se destacam a cor, a textura dos materiais e a sua estereotomia. Esta última, é aplicada aos pavimentos e ao revestimento do volume da caixa de escadas. O seu objetivo passa por enquadrar a intervenção perante a falta de ortogonalidade da preexistência, assim como marcar diferentes espaços tendo em conta as várias escalas, sendo também utilizada como solução de remate. As opções tomadas são o resultado de uma constante experimentação através do desenho.

Nos pavimentos exteriores, onde se utiliza apenas o granito, recorre-se à estereotomia para diferenciar as várias zonas. A plataforma e o percurso de acesso são revestidos com lajetas retangulares de 60x120 cm, orientadas de forma diferente em cada zona, e o anfiteatro é revestido com peças quadrangulares de 60 cm. A bancada do anfiteatro, sendo em blocos maciços de granito, assume o alinhamento do volume novo, que é ortogonal à fachada do edifício do lado poente que acompanha o percurso de acesso ao interior. O revestimento da caixa de escadas é feito em lajetas de granito de 30x103 cm, com assentamento horizontal e as juntas verticais desalinhadas. Esta estereotomia pretende atribuir uma escala humana ao volume.

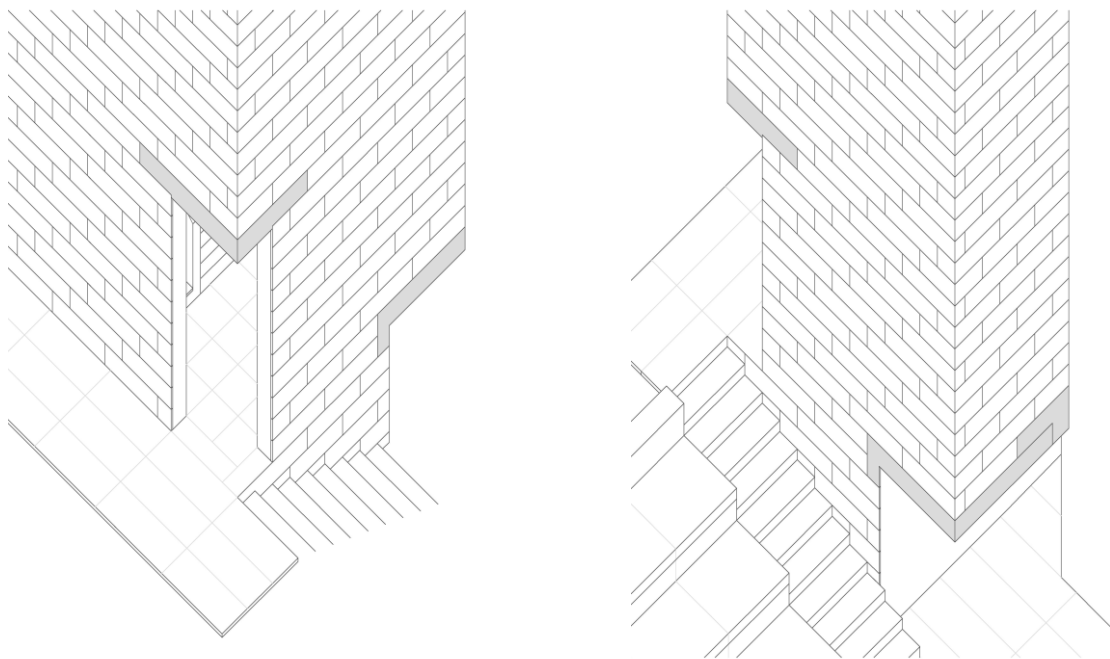


Figura 76 – Estereotomia da caixa de escadas.

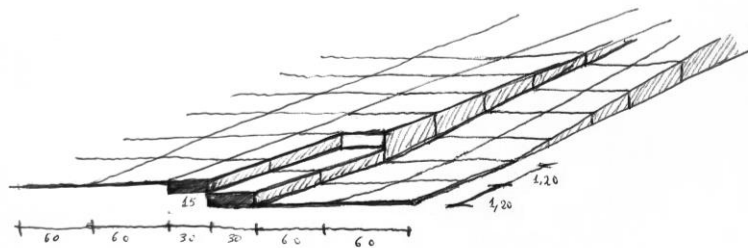
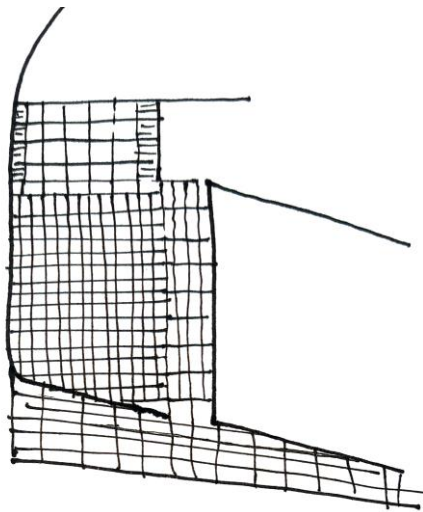


Figura 77 – Desenhos representativos da estereotomia dos pavimentos.

4. Considerações finais

Após a conclusão da redação deste trabalho, importa salientar alguns aspetos que se tomam como importantes para estas considerações finais. A temática da dissertação girou sempre em torno da elaboração de uma proposta onde se procurou conciliar os temas inerentes à residência artística num programa para um edifício desocupado no CHVC.

Com base no reconhecimento sobre a tipologia de residência artística, pretendeu-se uma possível compreensão do seu significado através de uma reflexão acerca dos seus elementos constituintes, materializados na definição de um programa.

Ao juntar as palavras “residência” e “artística” na mesma expressão, está-se também a associar duas funções distintas ao mesmo espaço, o que pressupõe pensar esse ambiente como sendo “de moradia, mas ao mesmo tempo de inserção de outras relações, conviviais, profissionais, educacionais, afetivas e sociais” (Morais, 2009, p. 9). Desta forma pode-se compreender a residência artística como um programa que privilegia tanto espaços abertos e contínuos, como espaços contidos do foro privado.

Tendo em conta os conceitos de tempo e espaço como elementos oferecidos ao artista para a sua criação, estabeleceu-se a relação destes com a ideia do projeto, uma vez que, pela articulação do espaço e tempo, é proporcionada ao artista, uma condição de vida, de criação e de trabalho, ou seja, o tempo e o espaço assumem uma nova dimensão devido à retirada do artista do seu quotidiano. Deste modo, a conceção do espaço seguiu-se à luz da casa existencial, onde as diferentes variações presentes na sua composição, estabelecem uma conexão deste com o corpo ao partilhar relações de escala, uma vez que a relação do projeto com os seus ocupantes não possui carácter fenomenológico.

A partir do entendimento acerca da tipologia de residência artística identificou-se o problema do projeto do ponto de vista da reabilitação, no qual a elaboração do programa depende das características presentes na preexistência. Desta forma, através do reconhecimento e análise do caso de estudo, elaborou-se uma estratégia de intervenção, focada na adaptação do construído ao novo programa. Assim, compreende-se a reabilitação como uma operação em que a relação entre o antigo e o novo carece de adaptações constantes, tendo por objetivo o equilíbrio entre as partes, sendo fundamental o reconhecimento nesta operação.

Acredita-se que a proposta final evidencia uma resposta aos problemas levantados, tendo em vista a articulação entre os vários elementos que compõem este trabalho, desde a tipologia da residência artística até ao reconhecimento do preexistente, assim como na integração de um novo programa no edifício. Assim, conceitos como adição e conservação, mostram-se preponderantes na abordagem da proposta ao edifício e à cidade.

Tendo em conta o resultado final, salvaguarda-se que a resposta apresentada às questões levantadas não tem um caráter definitivo, uma vez que, a relação com o lugar no projeto arquitetónico dá origem a várias possibilidades, mais ainda quando se trata de reabilitação, onde a atuação neste contexto está longe de ser consensual. Deste modo, não se procura o congelamento deste processo de trabalho como uma metodologia genérica de intervenção, mas pretendeu-se elaborar uma experimentação que dialogasse da melhor forma com o edifício e com a cidade. Neste processo, acredita-se que a proposta se torna numa mais-valia para o caso de estudo.

Bibliografia

- Amaral, P., & Rodrigues, M. (1999). *Direção-Geral do Património Cultural*. Obtido em 1 de março de 2020, de Sistema de Informação para o Património Arquitectónico: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6577
- Capela de Campos, J., & Mourinho, V. (julho de 2019). O património como projeto de intervenção urbana: o caso do Colégio da Trindade da Universidade de Coimbra. pp. 207-221.
- Castelo, C. M. (Maio de 2016). ORU - Operação de Reabilitação Urbana para a ARU do - Centro Histórico de cidade - Aprovação. Viana do Castelo: Câmara Municipal de Viana do Castelo.
- Castelo, C. M. (2016). Programa Estratégico de Reabilitação Urbana. *Operação de Reabilitação Urbana Sistemática da Área de Reabilitação Urbana do Centro Histórico de Viana do Castelo*. Viana do Castelo. Obtido de Câmara Municipal de Viana do Castelo: <http://www.cm-viana-castelo.pt/pt/operacao-de-reabilitacao-urbana-para-a-ar-ru-do-centro-historico>
- Correia, A. (Setembro de 2016). A Reabilitação do Edificado Habitacional no Centro Histórico de Viana do Castelo. *Mestrado Integrado em Arquitetura e Urbanismo*. Vila Nova de Cerveira: Escola Superior Gallaecia.
- FAUUSP (Realizador). (2020). *Conservação e reabilitação do património arquitetónico possibilidade ou necessidade - João Appleton* [Filme]. Obtido em 1 de maio de 2021, de <https://www.youtube.com/watch?v=gqWAQfqmoDs>
- Fernandes, M. (1992). Viana do Castelo: obras públicas e evolução do espaço urbano (1855-1926). *Revista da Faculdade de Letras – Geografia I, Série, Vol. VIII 65-162*, 65-162. Porto. Obtido de <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8101/2/1524.pdf>
- Ferreira, R. d. (22 de Novembro de 2016). Continuidade em seis obras de Eduardo Souto de Moura: residência artística em Sines. *Dissertação de mestrado*. Lisboa: ISCTE-IUL.
- Franco, J. M. (Março de 2016). *Fórum Vianense*. Obtido em 1 de junho de 2019, de Regeneração e Requalificação Urbana: <http://www.forumvianense.org/t1regen.php>
- Lusa. (22 de Janeiro de 2019). *Viana reabilita dois edifícios degradados do Estado para "apoio à comunidade"*. Obtido em 1 de junho de 2019, de Diário de Notícias: <https://www.dn.pt/lusa/viana-reabilita-dois-edificios-degradados-do-estado-para-apoio-a-comunidade-10471036.html>
- Martins, R. M. (2009). A ideia de lugar : um olhar atento às obras de Siza. *Tese de Mestrado em Arquitectura*. Coimbra: FCTUC Arquitectura.
- Morais, M. d. (2009). Residência artística: ambientes de formação, criação e difusão. *Tese apresentada a Faculdade de Arquitectura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutor em Arquitectura e Urbanismo*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- Noé, P., & Estadão, L. (1992;2007). *Direção-Geral do Património Cultural*. Obtido em 1 de março de 2020, de Sistema de Informação para o Património Arquitectónico: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4117
- Pinho, I. M. (2006-2007). Os crúzios de Viana do Castelo e a sua expressão artística. *CIÊNCIAS E TÉCNICAS DO PATRIMÓNIO I Série vol. V,VI, pp. 467-487*, I Série vol. V,VI, pp. 467-487. Porto: Revista da Faculdade de Letras.
- Ramos, A. C. (Dezembro de 2012). A piscina de marés e as termas de Vals : por uma recuperação da experiência. *Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura*. Coimbra: Departamento de Arquitectura da FCTUC.
- Rodrigues, S. L. (2015). A PRÉ-EXISTÊNCIA NO CONTEXTO DA REABILITAÇÃO. *Dissertação de Mestrado em Arquitectura e Urbanismo*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

- Torre, L. M. (junho de 2015). Regeneração urbana para um futuro sustentável : quarteirão do Vianense, Viana do Castelo. *Mestrado Integrado em Arquitectura*. Vila Nova de Famalicão: [ULF-FAA] Dissertações.
- Travassos, A. S. (2013). Valerio Olgiati: Forma Unitária, entre o Peso Monolítico e a Leveza Estrutural. *Dissertação de Mestrado*. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.
- Trindade, M. C. (Fevereiro de 2010). Reabilitar para Habitar. *Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura*. Lisboa: Instituto Superior Técnico - Universidade Técnica de Lisboa.

Apêndice

Peças desenhadas

Levantamento arquitetônico:

- 01 – Planta de localização (1:2000) e perfil do terreno
- 02 – Planta de implantação (1:200)
- 03 – Plantas do piso 0 e 1 (1:100)
- 04 – Planta do piso 2 (1:100)
- 05 – Cortes 1 e 2 (1:100)
- 06 – Corte 3 e corte alçado Norte (1:100)
- 07 – Corte alçado poente e alçado Sul (1:100)

Vermelhos e amarelos:

- 08 – Plantas do piso 0 e 1 (1:100)
- 09 – Plantas do piso 2 e cobertura (1:100)
- 10 – Cortes 1 e 2 (1:100)
- 11 – Corte 3 e corte alçado Norte (1:100)
- 12 – Corte alçado poente e alçado Sul (1:100)

Projeto de execução:

- 13 – Planta de cobertura (1:100)
- 14 – Planta do piso 0 (1:50)
- 15 – Planta do piso 1 (1:50)
- 16 – Planta do piso 2 (1:50)
- 17 – Cortes 1 e 2 (1:50)
- 18 – Cortes 3 e 4 (1:50)
- 19 – Cortes alçado Norte 5 e 6 (1:50)
- 20 – Corte 7 e alçado Sul (1:50)
- 21 – Cortes alçado poente 8 e 9 (1:50)
- 22 – Secções de plantas (1:20)
- 23 – Secções de cortes (1:20)